

Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Educação

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A ATUALIDADE DO CONCEITO INDÚSTRIA CULTURAL:
REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DANIFICADA

TADEU CÂNDIDO COELHO LOIBEL

ORIENTADOR: ANTÔNIO ÁLVARO SOARES ZUIN

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A ATUALIDADE DO CONCEITO INDÚSTRIA CULTURAL:
REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DANIFICADA**

TADEU CÂNDIDO COELHO LOIBEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Antônio Álvaro Soares Zuin.

**SÃO CARLOS
2013**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L834ac

Loibel, Tadeu Cândido Coelho.

A atualidade do conceito indústria cultural : reflexão sobre a educação danificada / Tadeu Cândido Coelho Loibel. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

84 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação. 2. Indústria cultural. 3. Semiformação. 4. Educação pela dureza. I. Título.

CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Alvaro Soares Zuin

Profª. Drª. Paula Ramos de Oliveira

Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva

Antonio A. S. Zuin
Paula Ramos de Oliveira
Eduardo Pinto e Silva

Nessa dissertação é apresentada uma discussão acerca da semiformação a partir da ideia formulada por Theodor Adorno “educação pela dureza”. Para isso é discutida a atualidade do conceito Indústria Cultural, também de Adorno, uma vez que a semiformação é a expressão dessa na educação, com a contribuição de Max Horkheimer, tendo como base a análise de algumas críticas de comentaristas que se opõe à validade da ideia de Indústria Cultural.

Palavras-chave: Semiformação, educação pela dureza e indústria cultural.

Abstract

In this dissertation is presented a discussion about semi-formação (semi-formation) from the idea formulated by Theodor Adorno "education by hardness". For this is discussed the actuality of Cultural industry concept, also of Adorno, since the semi-formação (semi-formation) is the expression of this in education, with the contribution of Max Horkheimer, based on the analysis of some criticisms from commentators who are against the validity of the Cultural Industry.

Keywords: Semi-formação (semi-formation), education by the hardness and the cultural industry.

Sumário

Resumo.....	3
Capítulo I: A Indústria Cultural.....	4
Escola de Frankfurt.....	5
Exílio nos EUA.....	8
Educação e Emancipação.....	9
Televisão e Formação.....	10
Educação após Auschwitz.....	12
Indústria Cultural.....	15
Indústria Cultural: retomada do conceito por Adorno em 1968.....	26
Capítulo 2: Visões críticas ao conceito Indústria Cultural.....	30
Visões críticas ao conceito.....	30
Apresentação individual das críticas.....	31
Relação entre as críticas.....	37
O confronto entre as concepções.....	42
Reflexão acerca das críticas ao conceito Indústria Cultural.....	49
Capítulo 3: Semiformação e educação pela dureza.....	57
O conceito de semiformação e a educação pela dureza.....	57
A relação entre semiformação e educação pela dureza.....	65
Conclusão.....	81
Referências bibliográficas.....	83

Introdução

Nessa dissertação, dividida em três capítulos, será realizada uma discussão acerca da pedagogia pela dureza a partir das contribuições da Escola de Frankfurt, notadamente de Theodor Adorno. Primeiramente será apresentado o pensamento do teórico a partir do conceito de indústria cultural, a partir de suas reflexões e de seus críticos. Por fim, será proposta uma leitura do conceito semiformação com vistas a compreender o presente danificado do sistema educacional.

Inicialmente será tratado o conceito indústria cultural, como base para o pensamento de Adorno, cuja compreensão será essencial para o entendimento de suas elaborações posteriores. Além de uma pesquisa acerca do contexto em que foi criado o conceito, serão apresentadas algumas das raras falas do pensador acerca da questão educacional especificamente.

Como complemento às idéias originais de Adorno serão apresentadas comentários críticos ao conceito realizados posteriormente. A análise dos textos de Eco, Savianni, Habermas e Putterman são contrapontos essenciais à um pensamento que nunca pretendeu solidificar-se como dogma. As questões levantadas são importantes para a definição do valor de uma discussão pedagógica ensejada pela obra do frankfurtiano.

No último capítulo será realizada uma discussão baseada na questão da semiformação, que nada mais é do que a educação plenamente funcional sob a égide da lógica da indústria cultural. O pragmatismo matemático tem como resultado a redução da verdade à seus aspectos técnicos, o que redundava em um processo educativo que tem como meta a eficiência profissional e a passividade política.

Capítulo 1: A Indústria Cultural

Indústria cultural, é um conceito central no pensamento da chamada Escola de Frankfurt. Sua construção permite a elaboração de um modelo de compreensão crítica da sociedade, uma vez que propõe a manutenção e incremento do domínio da ideologia das classes dominantes, em um ambiente de aparente liberdade.

O termo, nos dias de hoje, aparece imerso em controvérsia. Se por um lado considera-se a sua existência, por outro atribui-se a ele um caráter elitista, pela proposta de hierarquização das formas artísticas e pessimista, por não apontar caminhos simples para a superação de um estado diagnosticado como indesejável.

As elaborações, contidas nesse primeiro capítulo, têm como objetivo estabelecer o sentido do termo. Primeiramente serão discutidas as elaborações originais de Adorno e Horkheimer que posteriormente serão comparadas com visões críticas às mesmas.

A análise da *indústria cultural* é pertinente na medida em que o conceito mantém seu potencial explicativo acerca da sociedade. A proposição de uma doutrinação poderosa, ainda que velada, orientada pelos interesses dominantes, que se ocorre através dos meios de comunicação, está presente na atualidade, em que estes dominam a formação das consciências.

A aplicação do conceito *indústria cultural* apresenta importantes desdobramentos. O caráter disfarçado da submissão do indivíduo à sociedade leva a uma sofisticação no entendimento da resistência ao sistema. A aceitação pela massa de uma ideologia que lhe é prejudicial impõe a necessidade da compreensão dos mecanismos individuais de construção da consciência.

Esse estudo apresenta relações com a pedagogia. A lógica industrial é marca da educação que conhecemos, uma vez que, essa não propõe mais do que a adaptação ao mundo do trabalho. A crescente orientação de todos os conteúdos escolares para o vestibular demonstra que a concepção presente obedece cada vez mais uma lógica mercadológica. A passividade tornou-se o objetivo do sistema educacional.

A ampliação da idéia de processo educativo, que hoje extrapola os muros das escolas, é interessante na medida que rompe uma barreira artificial, tornando evidente as relações entre educação e contexto. A manutenção da recusa do aproveitamento do potencial crítico da aprendizagem, no entanto, faz com que essa nova concepção seja uma nova fachada para uma velha lógica. Mais do que isso, ela reforça a idéia de que todo momento é um momento de construção da passividade.

A exploração do conceito *indústria cultural* leva, portanto, ao questionamento social. Esse questionamento é fundamental na postura de Adorno, que prioriza em suas análises o caráter

contraditório do mundo. Seu estudo é essencial para a compreensão da sociedade, e mais especificamente da educação, sob a ótica da Teoria Crítica.

O objetivo desse capítulo é, a partir do conceito *indústria cultural*, discutir as possíveis contribuições da teoria crítica para a explicação da realidade social, e da questão educacional. O estabelecimento do sentido que o termo apresenta nas obras de Adorno é essencial, uma vez que possibilita distinguir o discurso da escola de Frankfurt do discurso feito sobre ela.

A tradição da escola de Frankfurt e o impacto causado pelo exílio são fatores importantes para o entendimento da gênese do conceito *indústria cultural*. Os resultados dessa pesquisa, portanto, se constituem, inicialmente, em uma contextualização referente ao momento de sua formulação. Essa contextualização é essencial para a análise subsequente das reflexões frankfurtianas em relação ao conceito.

Escola de Frankfurt

O termo Escola de Frankfurt se relaciona à produção intelectual do grupo ligado ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, fundado em 1924, com o intuito de discutir cientificamente o marxismo.

Felix Weill, fundador do Instituto, é uma figura de difícil definição. Filho de um rico empresário optou, contudo, pelo ideal socialista. Sua importância liga-se menos à obra do que ao papel de incentivo ao desenvolvimento de um ambiente acadêmico favorável. Diz Wiggershaus: “*Felix Weill não se tornou nem um verdadeiro empresário, nem um verdadeiro sábio, nem um verdadeiro artista, mas um mecenas da esquerda (...) e um erudito*”¹

Sua militância se deu nos bastidores, através da realização de um projeto de inclusão da teoria marxiana no ambiente universitário, concretizado com a fundação do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. A disposição dos Weill em contribuir financeiramente e o ambiente político favorável, especialmente em Frankfurt, foram fatores determinantes para o sucesso dessa empreitada.

O primeiro diretor do instituto foi Carl Grunberg, adepto do marxismo ortodoxo, de viés mecanicista. A pesquisa estava tão atada como no resto do mundo acadêmico, mas não ao positivismo de direita, e sim ao positivismo de esquerda. Horkheimer assume o comando em 1931 e empreende a inclusão de pensamentos tidos como burgueses, com o sentido de busca de respostas para a crise do marxismo, crise essa advinda da não realização das expectativas revolucionárias do século XIX.

A ascensão do nazismo gera um ambiente político desfavorável para a esquerda, o que obrigou à emigração dos membros e a mudança da sede do Instituto para os Estados Unidos. Com o fim da Segunda Guerra processa-se o retorno para a Alemanha, onde permanece até hoje.

¹ Rolf WIGGERSHAUS. *A escola de Frankfurt*, pp.45.

Os trabalhos realizados apontam para uma crítica ao estágio contemporâneo do capitalismo, ao tecnicismo como paradigma científico e aos modernos e dissimulados mecanismos de dominação. Além de Adorno, aparecem como grandes nomes da Escola de Frankfurt pensadores como Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Jürgen Habermas.

O pensamento frankfurtiano é fruto de uma articulação entre elementos da filosofia alemã produzida até o início do século XX. Desses, destacam-se o marxismo e a psicanálise, que serão discutidos abaixo.

Karl Marx foi responsável por um pensamento da maior relevância, que elevou à crítica ao sistema capitalista ao nível científico. Suas reflexões são da maior importância para a formação do pensamento frankfurtiano, permeado pelas idéias de dominação economicamente determinada e da crescente mercantilização das relações humanas.

Contudo, a visão de mundo de Karl Marx, sua crítica ao capitalismo e a proposta de superação decorrente, que foram aceitos por seus seguidores, guardam características positivistas. A idéia de uma evolução pré-determinada na sociedade, que levou à formação do capitalismo e levaria à sua destruição está presente na obra marxiana:

A interpretação mecanicista das idéias marxianas redundava na sua sacralização: uma vez que o caminho a ser trilhado teria sido descoberto, não haveria mais necessidade de reflexão, o proceder revolucionário se resumiria, então, na reafirmação de uma verdade absoluta.

A transformação do marxismo em dogma redundava no abandono de seu potencial de crítica dinâmica da sociedade. Nos países em que a revolução triunfou a concentração de poder nas cúpulas dos partidos comunistas, encarregadas de impor a lógica socialista superior, proporcionou, ao contrário, a reprodução da lógica de exploração capitalista, que passa a beneficiar a elite estatal. Por outro lado, no mundo dito capitalista, o marxismo ortodoxo, mecanicista, perdia seu poder explicativo.

O fato histórico da Europa no início do século XX constituiu um grande golpe à lógica mecanicista presente no marxismo ortodoxo, uma vez que contrariaram a idéia de que o socialismo fosse o destino natural do desenvolvimento humano.

Dois acontecimentos aparecem como decisivos.

Em primeiro lugar, aparece a revolução russa. A primeira vitória efetiva de um projeto popular ocorre em um país atrasado economicamente, contrariando a idéia de que o processo revolucionário se daria aonde o capitalismo já havia esgotado suas possibilidades.

Por se tratar de um êxito da lógica socialista, esse fato não suscitou maiores indagações autocríticas na esquerda. O que havia ocorrido era a ascensão das massas ao poder em substituição a um governo orientado pelos interesses das classes dominantes. Mesmo distoante em relação às expectativas, a experiência russa poderia ser entendida como sintoma da tendência geral de crise no capitalismo.

Na década de 1930, contudo, aparece um novo fenômeno, esse profundamente preocupante para a esquerda: a ascensão de uma ideologia de ultra-direita, o nazismo, em um país que se encontrava na vanguarda da industrialização, a Alemanha.

A organização do operariado germânico e seu passado de lutas sociais não surtiram o efeito previsto. Apesar do descompasso com seus interesses de classe, é justamente o proletariado que permite, através do voto, a ascensão de Hitler ao poder.

Ambas as situações apontam para um descompasso entre as condições objetivas e o desenvolvimento histórico. Evidencia-se a necessidade de desvendar as razões que levam a massa a desenvolver uma consciência que parece descolada de seus interesses.

A busca pelas motivações irracionais do comportamento humano conduzem ao uso da psicanálise como ferramenta para o estudo da sociedade. Entender o funcionamento da mente é essencial, uma vez que a absorção da ideologia burguesa pelo proletariado constitui importante sustentáculo do regime capitalista.

Na URSS, apesar do prestígio da psicanálise nos primeiros anos pós revolução, fez-se uma opção pragmática. A discussão acerca do indivíduo não seria necessária, pois o modelo do homem é algo definido pela cúpula do partido. Sendo assim, a ação se concentra em despertar as posturas adequadas nas pessoas. O embasamento adequado para o sucesso desse processo doutrinador aparece nas teorias, de viés comportamentalista, de Pavlov.

Na Alemanha, contudo, essa postura era impensável. A derrota do projeto revolucionário tornava necessária uma reflexão crítica em relação à própria sociedade. A psicanálise, como estudo das consciências individuais, em conjunto com a oposição marxista ao capitalismo é uma possibilidade para o entendimento de uma realidade aparentemente contraditória.

Entre os primeiros pensadores que optaram por esse caminho estão Siegfried Bernfeld e Otto Fenichel. Esses defendem a psicanálise como uma ciência empírica. Esse viés, francamente positivista, serve como defesa contra as imposições da direção central do movimento socialista, avesso à psicanálise. Porém, a intenção dos autores é o uso do potencial crítico das idéias freudianas.

É notável, que a proposta freudo-marxista não é a incorporação de um pensamento pelo outro. O que se efetiva são confrontos desmistificadores entre as duas concepções teóricas

A psicanálise foi um elemento constitutivo da escola de Frankfurt. A sua utilização permite a construção de uma concepção crítica acerca da cultura a partir de Freud e também contra o freudismo, como momento dessa cultura. Essa possibilidade decorre da aceitação da sociedade como negação da individualidade.

No caso específico do conceito *indústria cultural* percebemos a influência da psicanálise. Os mecanismos que garantem a hegemonia ideológica na modernidade dependem da assimilação pela massa da visão burguesa de mundo. Essa assimilação é fruto de um condicionamento das consciências

individuais, que se submetem à lógica social, num processo que oculta o conflito entre o universal e o particular.

A psicanálise, utilizada em seu potencial de crítica à cultura, possibilita a construção da categoria *pseudo-indivíduo*. Ele é o fruto de uma sociedade que se impõe como totalitária na medida que consegue apresentar-se como triunfo final da emancipação.

Exílio nos Estados Unidos

A implantação da ditadura nazista e a dura perseguição a seus opositores na Alemanha fez com que Adorno emigrasse. A possibilidade de trabalho nos EUA foi uma saída comum entre os cientistas alemães alvo da perseguição hitlerista.

O inimigo principal dos americanos na época eram os nazistas, sendo assim, não fica tão discrepante, quanto se poderia imaginar, a aceitação de pensadores marxistas. No entanto, o comunismo sempre foi conflitante com a lógica política dos EUA, o que nos permite observar o grande senso para o aproveitamento de uma oportunidade única de talentos, mesmo que em detrimento das posições ideológicas.

É interessante notar a posição paradoxal de Adorno nos Estados Unidos. Por um lado sua concepção de mundo leva à crítica ao capitalismo avançado presente no país. Por outro, ser aceito, naquele contexto, redundava em uma agradecida postura colaboracionista:

“O momento do esclarecimento, presente de maneira imediata no clima espiritual dos Estados Unidos, também em relação à cultura, tinha que produzir-me uma fortíssima impressão. Além do mais, eu estava cheio de gratidão por ter sido salvo da catástrofe que já se delineava em 1937: tão disposto a cumprir com minha parte, quanto decidido a não renunciar a mim mesmo”²

Mais do que uma tábua de salvação, o Estados Unidos representaram para Adorno a possibilidade de contato com a vanguarda do capitalismo. A mercantilização da cultura e o domínio hegemônico do método empírico no proceder científico são pontos chave nas teorias posteriores dos frankfurtianos.

A vida em uma sociedade dominada pelos meios de comunicação de massa, sem dúvida foi essencial para a formulação do conceito para reflexões de Adorno. O contato com a realidade norte-americana evidenciou a submissão total da cultura à economia e a eliminação das fronteiras entre esses elementos. Diz Adorno:

² Theodor W. Adorno, *Experiências Científicas nos Estados Unidos*. In: *Palavras e Sinais, modelos críticos 2*. Pp. 169

“ Eu bem sabia o que é o capitalismo monopolista, o que são os grandes ‘trusts’; mas ignorava até que ponto o planejamento e a estandarização racionais impregnavam os assim chamados meios de comunicação”³

O contato com o ambiente científico norte-americano produziu forte impressão em Adorno. A hegemonia do empirismo obrigou o frankfurtiano ao abandono do viés estritamente teórico presente em suas obras anteriores. Dessa situação conflituosa surgiram pesquisas que utilizavam de métodos estatísticos como suporte para a reflexão.

Outra consequência desse choque de paradigmas é a construção de uma crítica ao espírito científico norte-americano, marcado pelo empirismo:

“Esses problemas metodológicos, formulados todos esses segundo o modelo hipótese-prova-conclusão, motivaram posteriormente minha crítica filosófica ao conceito científico convencional do absolutamente primeiro, crítica que desenvolvi em meus livros sobre teoria do conhecimento.”⁴

O cinema e o rádio, percebem Adorno e Horkheimer, são mais do que manifestações artísticas afirmadoras de determinada visão. Eles são um substituto para a vida em um mundo em que o real está submetido à ideologia. O que existe não é uma disputa entre concepções mas a absolutização de uma única.

A percepção do funcionamento do mercado de entretenimento como um sistema permitiu a construção do conceito *indústria cultural*. A percepção da produção artística, orientada pelos interesses do mercado, como um elemento de sustentação que é parte do sistema capitalista como um todo foi possível a partir do contato com a situação presente no país que estava na vanguarda do desenvolvimento capitalista.

Educação e Emancipação

Adorno não escreveu textos específicos acerca de Educação. Porém, algumas de suas pertinentes observações sobre o tema estão contidos na obra Educação e Emancipação. Desse livro apresentaremos dois textos como forma de situar o pensamento do autor acerca do tema. O primeiro *Televisão e Formação*, resultado de uma conversa com Hellmuth Becker e Gerd Kadelbach, a segunda *Educação após Auschwitz*, palestra radiofônica proferida em 18 de abril de 1965.

³ Theodor W. Adorno, *Experiências Científicas nos Estados Unidos*. In: *Palavras e Sinais, modelos críticos 2*. Pp.140.

⁴ Theodor W. Adorno, *Experiências Científicas nos Estados Unidos*. In: *Palavras e Sinais, modelos críticos 2*. Pp.169

Televisão e Formação

O papel da televisão na educação deve ser entendida em dois aspectos. Por um lado, existem programas destinados diretamente à instrução. Por outro, a televisão é um poderoso instrumento de mídia, que desempenha inevitavelmente uma influência sobre a consciência das pessoas.

Esse segundo aspecto é essencial por evidenciar a função ideológica inerente à televisão enquanto meio de comunicação de massa. Ela desempenha um papel formativo por apresentar, por trás de um verniz descompromissado, constantemente a ideologia do sistema.

Adorno assume uma postura contrária tanto ao elitismo dos que simplesmente negam a televisão quanto dos que a aceitam acriticamente por essa ser uma expressão da modernidade. O novo meio de comunicação de massas existe e deve ser levado a sério, isso não significa que não possa ser alvo de críticas. A novidade técnica pode continuar, para Adorno, orientada pelos interesses antigos.

Becker ressalta a pertinência em se analisar a televisão por seu caráter doutrinatório. Para ele é necessário pensar o meio de comunicação de forma a otimizar seu uso emancipatório e diminuir seus aspectos alienantes.

Para Adorno, a televisão não forma, mas informa. A informação, diz o pensador, não é mera imposição, mas pode permitir que o espectador embase suas reflexões sobre os acontecimentos. Faz-se essencial que o indivíduo desenvolva uma postura em relação ao meio de comunicação, para evitar sua aceitação passiva.

A televisão se apresenta como ideológica de duas formas. Por um lado, ela, através de sua programação, dissemina a visão de mundo das classes dominantes. Por outro, ela domina a consciência das pessoas, que tem na TV a principal fonte de informações sobre o mundo, a verdade se torna aquilo que acontece na telinha. Esse segundo aspecto é o que deve ser priorizado em uma análise crítica do fenômeno.

Em concordância com essa proposição, Becker atenta para os aspectos dissimulados da doutrinação televisiva. A imposição ideológica pode ser mais eficiente nas novelas do que nos programas diretamente ligados à temas políticos.

Uma vez determinada a existência de uma orientação alienada na programação televisiva existente, surge uma nova questão: o meio de comunicação pode ser usado como instrumento transformador ou está limitado por ser um reflexo da sociedade. Adorno responde a isso afirmando que existe espaço para ações individuais, apesar da óbvia relação entre a TV e os interesses sociais dominantes.

A referência à experiências com TV educativa em localidades atrasadas tecnologicamente, feita por Becker, são consideradas de certa forma benéficas por Adorno, uma vez que levam informações certamente úteis, como noções de higiene.

Porém, a força que o meio de comunicação tem com relação à determinação de valores apresenta uma grave ameaça. A televisão, como arma ideológica, apresenta modelos ideais de conduta social, que acabam sendo assimilados como naturais pelos indivíduos. Os conflitos inerentes à vida em sociedade passam a ser tratados como aberração e uma harmonia abstrata se impõe como normalidade. Para o pensador, se faz essencial a explicitação dessa inversão.

Becker argumenta que a televisão pode ser boa se aproximar o espectador da realidade e é prejudicial quando o ilude. Adorno considera, no entanto, que o realismo nos conteúdos é utilizado para esconder a imposição de uma realidade ilusória. Mostrar o cotidiano é um caminho para a naturalização de padrões determinados verticalmente.

Adorno reage à proposição do colega acerca da utilidade dos métodos empíricos com o argumento de que os reflexos do meio de comunicação no público são de difícil apreensão, uma vez que a consciência é formada a partir de diversos estímulos. O frankfurtiano propõe a análise de conteúdos, que seria um método que busca a aproximação do entendimento do caráter moldado pela televisão, levando-se em conta mais do que a aparência atual mas também as motivações ocultas.

Kadelbach cita a proposta de criação de uma televisão educativa, que contaria com a colaboração de profissionais da educação, como uma possibilidade de reflexão em prol do uso benéfico do meio de comunicação. Becker concorda e aponta o potencial motivador da TV, que, contudo, não deve substituir o professor, mas funcionar sob sua supervisão. Adorno aponta o aprendizado efetivo dos conteúdos dos alunos como um elemento que pode ser analisado eficientemente pelos métodos empíricos.

Becker aponta para o equívoco na delimitação da categoria *programa educativo*, que pode obscurecer o caráter ideológico presente em toda a programação. Adorno aponta o prejuízo na restrição das formas mais sofisticadas de manifestações culturais à círculos de especialistas, essas deveriam ser apresentadas ao grande público através de um projeto que congregue os responsáveis pela programação para as massas e para as “minorias qualificadas”. Esse pode ser um caminho para o despertar de uma postura crítica nos espectadores.

Adorno encerra sua participação no debate apresentando algumas conclusões: a televisão é uma novidade técnica que se orienta por uma lógica antiga, além disso, o pensador aponta que a construção de uma nova programação deve estar em consonância com a linguagem do meio de comunicação e não ser uma tentativa de imposição de concepções tradicionais.

O caráter formativo, ou informativo como propõe Adorno, da televisão não se restringe à programação dita educativa. Como polo de disseminação de uma ideologia a TV é sempre um

elemento de imposição de valores, essa imposição ganha força na medida que grande parte da população tem na televisão a única fonte de informação. A delimitação de um horário educativo serve para esconder o caráter ideológico de toda a programação.

É importante notar o caráter duplo da televisão. Por um lado ela representa uma inegável e revolucionária modernização técnica, por outro lado ela é desempenha o antigo papel de suporte para a manutenção do poder das classes dominantes.

O meio de comunicação não é necessariamente um problema em si. A TV é uma realidade, a reflexão acerca de seus elementos constitutivos e suas consequências pode abrir uma possibilidade para seu uso em prol da emancipação. O formato presente, contudo, é prejudicial, a televisão orientada pelos interesses do capitalismo leva à alienação.

A discussão apresentada em *Televisão e Formação*, portanto, extrapola o aspecto educativo formal do meio de comunicação. A ênfase é a necessidade de desvendar seus elementos ocultos, e assim criar condições para uma reorientação emancipatória de sua programação.

Educação após Auschwitz

A necessidade de impedir a repetição do genocídio é obviamente a primeira a ser buscada pela educação. Porém a pouca preocupação que existe em relação às condições objetivas que prosseguem permitindo a possibilidade da barbárie propõe o tema da luta contra Auschwitz, como ainda pertinente. Ainda não é paradigmática a visão de prioridade da luta contra a crueldade da sociedade. Devemos entender Auschwitz não como uma aberração na sociedade, mas a sociedade, da forma que é hoje organizada, uma aberração que está sempre possibilitando a reedição do extermínio organizado. Segundo Freud a sociedade cria e fortalece a barbárie, a sociedade cria o seu contraponto? A barbárie tem origem na sociedade e não num elemento estranho fora dela.

A consciência da presença da barbárie na organização social é essencial para não cairmos em propostas idealistas. Auschwitz é uma possibilidade em nossa sociedade e não algo exterior à ela. Para se resolver à questão do extermínio é necessário reestruturar o sistema.

Com a dificuldade de se mudar as condições políticas e sociais que regem a sociedade da barbárie parece ser essencial entender os mecanismos psicológicos inerentes à formação da sociedade. Isso significa centrar as energias nos dominadores, pois seu ímpeto depende muito pouco da natureza dos dominados e das relações entre as classes. A barbárie se origina muito mais na vontade de subjugar e menos em razões justificáveis para essa ação. É preciso entender o que leva as pessoas ao exercício da crueldade. A busca pelas razões entre as vítimas não redundará em respostas corretas. O opressor age pela ânsia de poder, seu ódio se justifica em qualquer falha aparente da vítima, mas se explica por condições subjetivas que o impelem a assumir o papel do torturador, não obstante o horror

da tortura. É necessário se identificar as causas do comportamento autoritário para evitar a sua repetição, só há sentido na educação se ela se orientar nesse princípio. O autoritarismo é marcado pela deficiente autocrítica, que leva a uma subestimação das particularidades e conseqüentemente a avaliação incompleta do diferente, que pode levar a uma lógica em que a violência parece legítima. A civilização altamente disseminada pode construir seres irracionalmente contra ela, a difusão da comunicação contribui menos para a justiça e mais para o afastamento entre os homens.

Em geral a violência se dirige contra fracos, que são entendidos como felizes. A sociedade atual oferece um mundo total, ao mesmo tempo procura anular as individualidades. É mais em conta tratarmos o homem como gado. Quanto mais a sociedade se comportar como gado maior a chance da dominação se efetivar de forma otimizada. A necessidade de afirmação da individualidade persiste e para isso a indústria cultural tem pacotes fechados, que parecem oferece-la mas que apenas assenta a população como gado.

Adorno pensa a educação pós-Auschwitz, uma educação que evite a sua repetição, a partir de duas questões básicas:

1. A educação infantil, especialmente a primeira educação.
2. A formação, através da educação, de um clima de consciência das razões do autoritarismo, uma descoberta das verdadeiras razões que estão na gênese do fenômeno da opressão. Esse clima impediria a repetição de Auschwitz, pois essa situação se justifica em argumentos irracionais.

Adorno não tem um projeto fechado para as contribuições da educação para a criação desse clima, mas pretende indicar alguns pontos básicos para sua formulação. Por exemplo, é atribuído ao espírito germânico a eclosão do fascismo, mas na verdade isso explica pouco. Para Adorno o que ocasionou o nazismo foi a liberdade concedida a pessoas que não tinham condições de agir de forma livre. A liberdade foi oferecida, mas as pessoas ainda estavam condicionadas à vida prisioneira.

Os conservadores aludem a uma falta de vínculo de compromissos, para justificar a existência do nazismo. As pessoas não se miram mais em compromissos entre si e por isso a aberração. Para Adorno porém esses vínculos não são necessários, os vínculos de compromisso seriam meras estratégias de conduta social e teriam como efeito a substituição da consciência moral do indivíduo por uma consciência social exterior e distante dele, que pode culminar novamente no nazismo. O caminho para a não repetição do holocausto seria a autonomia real dos cidadãos, o pleno exercício da liberdade.

Adorno fala de uma crítica à peça *Mortos sem sepultura* de Sartre. O crítico faz uma crítica não ao horror das situações mas contra o autor que as retrata, como se esse não reconhecesse a inevitabilidade e as virtudes do horror. Quer dizer não são as coisas que são horríveis, mas sim a

postura crítica, que exalaria covardia, o mal não estaria nas mazelas do mundo, mas nos que as criticam.

Adorno aponta que no campo a desbarbarização teve menor sucesso que na cidade, isso se dá pela diferença cultural entre ambas e não por alguma característica inata do campesinato.⁵ A ação no campo deve buscar a mudança na vida campesina sem se apegar na visão nostálgica dos antigos valores. A estrutura educacional atual no campo é insuficiente para operar essa revolução, sendo necessário um esforço extra, que de início será mal recebido, mas depois deve prosperar.

No entanto, em qualquer ponto existem pessoas com tendências sádicas reprimidas, que se manifestam através, por exemplo, das torcidas uniformizadas. Isso é gerado pela situação social apresentada.

As tendências de aceitação e produção da barbárie são produzidas a tempos na sociedade. Auschwitz, no entanto, apresenta características inovadoras na história do autoritarismo. No holocausto existe a questão da identificação total com o coletivo, a submissão completa aos interesses do coletivo. Um coletivo tão coeso só pode se formar através do uso da indústria cultural nas massas, a possibilidade técnica para isso aparece na época do nazismo. A luta então se dá contra os males da coletivização, isso pode parecer muito abstrato, mas a análise dos trotes escolares (e similares) demonstra de forma objetiva a crueldade da coletivização.

A origem dos trotes está no ideal da virtude da severidade, o mundo só é conquistado pelo sofrimento. Isso revela uma tendência sodo-masquista, que aceita o próprio sofrimento graças à promessa de poder torturar posteriormente os outros calouros. Isso gera um raciocínio de apologia a dor como necessária, pois o mundo é duro, e as pessoas são seus inimigos potenciais. Para Adorno é necessário se contrapor a essa idéia valorizadora da dor, que busca aliviar a repressão pelo medo, através da possibilidade de fazer com que todos sintam dor. A paga da repressão é poder reprimir os próximos, um círculo vicioso que permite a continuidade da barbárie como ente querido na sociedade.

Quem se doa totalmente ao coletivo perde toda a sua individualidade, isso concorre para que se encarem os outros como seres sem individualidade. O que importa é o coletivo e não as vontades particulares. Adorno se refere a esses como portadores do “caráter manipulador”, que se distinguem pela obsessão pela organização e a incapacidade de obter experiências humanas diretas, o sujeito apenas pensa em desempenhar eficientemente missões num mundo pré-determinado. Para Adorno esse caráter está hoje mais disseminado que na época do nazismo, através dos líderes de quadrilhas, torcidas, gangs etc. A consciência coisificada é o que se processa, é necessário se fazer dos homens meros instrumentos. Essa característica necessária ao nazismo continua se processando hoje.

⁵ A urbanidade ofereceu realmente algum efeito humanizador, a barbárie está realmente menos presente nas relações urbanas. Adorno parece perceber efeitos benéficos na atuação da indústria cultural nas cidades, aonde ela é mais eficiente.

Para Adorno foi essencial essa caracterização do “caráter manipulador” a fim de que se possa combatê-lo. Para o pensador poderia ser útil uma análise psicológica dos responsáveis por Auschwitz, para que possa entender os caminhos de sua formação moral, tão propícia a crueldade. Os métodos nunca podem ser os mesmos que os deles (a tortura), um caminho seria fazê-los falar a partir de seus sentimentos de orgulho em relação ao que fizeram. Nenhuma utilidade existe na tortura para o fim da crueldade. Os cruéis, uma vez impossibilitados de exercerem o mal, devem ser entendidos, para que com a compreensão de sua consciência sobre as coisas, possamos evitar a formação de outras mentes cruéis. A punição severa só serve para incitar, em todos, a mesma atitude violenta do criminoso, a reparação pela vingança é apenas a aceitação da vitória do racionário do agressor. Adorno considera, no entanto, que o valor da investigação proposta só poderá ser avaliada após algum tempo, não apresenta sua proposta como fórmula mágica, porém prevê que a análise psicológica dos responsáveis por Auschwitz terá alguma importância esclarecedora. A investigação da formação das consciências nazistas seria bastante útil, uma vez que pela lógica desses a consciência é atemporal, é por si.

Adorno remete a relação do humano com a técnica para apontar outro aspecto da consciência coisificada. O acesso à técnica constitui fonte de desalienação em relação à realidade, uma vez que permite uma compreensão mais apurada do mundo, cada vez com maior presença das máquinas. Por outro lado, no entanto, pode levar o homem à reificação da tecnologia, que permite a transferência do afeto para a máquina, esvaziando a indignação com relação à crueldade. O homem, impedido de amar genuinamente, transfere seu afeto para as máquinas, uma vez que se trata máquina como homem, fica fácil tratar homem como máquina. Essa relação de convivência afetiva com a máquina é de difícil compreensão, é muito complexo definir a fronteira entre a relação racional com a máquina e seu extravasamento para uma relação da máquina como algo em si. Até que ponto, a satisfação na construção e operação de uma máquina pode se justificar, frente ao uso que é feito dela?

Indústria Cultural

O conceito *Indústria Cultural* é uma importante referência na reflexão frankfurtiana. Além de caracterizar a submissão da arte ao mercado ele possibilita uma teoria acerca da nova forma que a dominação adquire no capitalismo tardio. Por capitalismo tardio se entende o novo formato, que garante a sobrevivência do sistema apesar de sua aparente obsolescência. A permanência de uma estrutura social aparentemente moribunda decorre de sua capacidade de apresentar a velha lógica como novidade.

A caracterização desse contexto, marcado pela constante apresentação da reprodução como novidade, aparece na obra conjunta de Adorno e Horkheimer, *A Dialética do Esclarecimento*, de 1944 e continua como referência constante nos trabalhos subsequentes.

A produção cultural da época de emigração dos intelectuais alemães impulsionada pela indústria poderia parecer desorientada. Adorno e Horkheimer perceberam na aparente confusão a profunda identidade de um sistema que domina torna a dominação eficiente ao torná-la invisível.

O sucesso popular das obras da *indústria cultural* permitem a farsa expressa no conceito *cultura de massa*. A idéia propagada é a de que a produção cultural seria orientada pela demanda, fato supostamente comprovado pela visível aceitação pelos consumidores.

Para os autores, contudo, a estrutura social seria determinante no processo, dessa forma, a adesão se apresenta como imposição externa. Propõe-se, portanto, um sistema verticalizado de disseminação melhor expresso pelo termo *indústria cultural*. A espontaneidade do consumidor é negada por essa estrutura, que trabalha em favor dos interesses das classes dominantes. Diz Adorno: “*A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores.*”⁶

A crescente presença da tecnologia na história da humanidade chega a um ponto interessante na época da obra de Adorno e Horkheimer. Graças notadamente ao rádio, ao cinema e ao avião, o mundo apresenta uma capacidade de integração que levaria à padronização em escala global. Suas reflexões sobre o tema estão na base da conceituação da *indústria cultural*.

O progresso técnico nos últimos séculos está ligado ao empirismo. Graças a ele foi possível a organização do conhecimento humano ao ponto de nos permitir façanhas que beiram o inacreditável, como a integração do mundo via internet. O modo de produção industrial é a forma que se impôs e se apresentou coerente com o espírito tecnicista. A padronização seria decorrência do progresso, que permite a racionalização das tarefas segundo uma lógica geral.

Os operários passam a ser entendidos como meras engrenagens em um sistema que deve funcionar de modo eficiente, essa eficiência é medida pelos lucros do capitalista. As jornadas desumanas dos primeiros tempos da indústria, o taylorismo no início do século passado e hoje o toyotismo são em diferentes contextos expressões dessa mesma idéia⁷.

O caráter classista, omitido pela indústria cultural, abre a possibilidade para uma nova compreensão do tecnicismo. A proposta de que o progresso levaria naturalmente à padronização, tal como ela foi realizada, esbarra no fato de que o processo foi conduzido verticalmente. A organização social não advém da evolução científica, mas essa é capitalizada afim de justificar aquela:

“*A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação*”⁸

É importante notar que a crítica dos autores não têm como alvo à técnica em si. Ela é pertence ao ser humano e criticá-la significaria um tipo de questionamento absoluto, que não aparece nas obras frankfurtianas. As objeções recaem na maneira com que o sistema utiliza a técnica.

⁶ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp. 287

⁷ O taylorismo e o toyotismo são teorias de administração empresarial que propoem a racionalização do trabalho em prol da eficiência, aferida pelo lucro.

⁸ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 114

A indústria cultural não deve ser entendida, contudo, como um apêndice do sistema capitalista. Na verdade esse sistema está tão organizado que já não é possível distinguir a fronteira entre seus elementos. O que se dá de fato é a total assimilação, pela indústria, da produção cultural, a tarefa desta é difundir a ideologia daquela.

O caráter totalizante desse processo evidencia-se pela hierarquização entre produtos, que, na verdade, são idênticos. É importante a criação de um ambiente de aparente liberdade e diversidade na oferta. Cria-se, por esse mecanismo, ilusão de que a *indústria cultural* seria exatamente o seu oposto.

Esse processo culmina na pseudo-individualização. O indivíduo não é livre mas, na verdade, está reduzido à condição de consumidor e produtor. Porém, a indústria cultural propõe diversas variações sobre seu mesmo tema, o que cria a ilusão de autonomia. Qualquer um pode adquirir produtos que teriam o poder de torná-lo único, porém essa diferenciação não permite a extrapolação das fronteiras da vida orientada pelos interesses do sistema.

O que a *indústria cultural* realiza é a substituição das experiências reais dos homens por uma simulação dessas, submetida às regras determinadas pelas classes dominantes. Para isso torna-se essencial fazer crer que a decisão, tomada de antemão, está nas mãos do povo: “A *indústria cultural* *abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori, e imutável.*”⁹

A absorção do tempo livre pela lógica industrial é essencial para a viabilidade desse projeto totalitário. É imprescindível que o indivíduo se torne, em todos os seus momentos, um ser submisso. Dizem Adorno e Horkheimer: “*Para o consumidor não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção*”¹⁰.

Essa invasão dessa lógica industrial à todos os campos da existência humana se explica pelo fato da *indústria cultural* ser um programa de difusão ideológico que tem como condição de existência a totalidade. Os produtos não são mera propaganda de uma forma de vida mas o substituto para qualquer forma de vida: “*A vida não deve mais, tendencialmente, deixar-se distinguir do filme sonoro.*”¹¹ O formato dos filmes é apresentado como um aspecto que contribui para a aceitação do acrítico pelo público. O ritmo frenético das cenas obriga o consumidor à um nível de atenção que não permite a reflexão.

A indústria cultural não significa, como poderia se pensar, a morte do estilo. Na verdade, seu aparentemente esfacelamento omite um sistema mais unificado do qualquer tendência existente anteriormente:

⁹ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp.288

¹⁰ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 117

¹¹ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 119

“Nenhum concílio poderia ter designado o lugar a ser ocupado pelas caretas diabólicas e pelos tormentos dos danados na ordo do amor supremo com maior cuidado do que a direção de produção ao calcular a tortura do herói ou a altura da saia da leading lady na ladainha do superespetáculo.”¹²

Por trás da recusa da repressão física como arma de opressão, esconde-se uma forma de dominação mais eficiente. Ela é blindada pela proposição de sua inexistência. A crítica é permitida desde que se enquadre na lógica da indústria cultural, a penalização à subversão é o esquecimento. A aceitação aparece como opção, mas somente através dela é possível a integração à sociedade.

Esse estilo, no entanto, ao negar a tensão entre o indivíduo e a sociedade, aparece como a negação da arte, que é uma resposta à essa tensão. O esvaziamento do estilo permite a hegemonia da imposição que o substitui. A produção cultural perde o caráter de criação para se tornar mera reprodução. Toda a inovação é permitida desde que não seja mais do que reafirmação.

Adorno e Horkheimer não consideram a arte leve como expressão de decadência, mas como manifestações adequadas, em um contexto em que não existem condições intelectuais para as obras sérias. A fusão empreendida pela *indústria cultural* entre as duas esferas culturais, porém, esvazia ambas do seu sentido original. A conciliação forçada entre a arte e o entretenimento conduz à submissão da produção cultural à lógica mercadológica.

A diversão desempenha importante função no capitalismo tardio. O domínio das consciências, exigência para a continuidade do regime, torna necessária a extrapolação da lógica industrial ao tempo livre. O período de descanso deve ser a continuidade do trabalho. A imposição dessa idéia passa pela passividade do espectador, que é bombardeado por estímulos que impedem a reflexão por lhe exigirem atenção total. O conteúdo das obras perde a importância em uma lógica de produção marcada pela repetição.

O mecanismo utilizado para eternizar o domínio sobre a atenção do público é a constante promessa e negação da possibilidade da satisfação. A realização dos desejos está presente nos produtos culturais, o seu consumo, contudo, frustra essa expectativa que é transferida para a próxima obra. A apresentação estereotipada de modelos sociais domestica a consciência do público, o prazer real, que não deve ser atingido, tem seu substituto no riso, que marca uma aceitação da conciliação forçada entre o indivíduo e a sociedade.

A relação entre a arte e o entretenimento na *indústria cultural* não é a de oposição. Elementos sérios são incluídos em produtos esvaziados de sentido criando uma impressão de verdadeira erudição: *“A indústria cultural está corrompida, mas não como Babilônia do pecado, e sim como catedral do divertimento de alto nível”¹³.*

A afirmação da *indústria cultural* lhe permite o crescente aumento de poder. O entretenimento é seu domínio e apenas aqueles que se submetem podem desfrutá-lo. A concordância, porém, depende

¹² Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 120

¹³ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 134

de formas cada vez mais sofisticadas de legitimação, embasadas, contudo, na lógica proposta pelo sistema: “*Na era das estatísticas, as massas estão muito escaldadas para se identificar com o milionário da tela, mas muito embrutecidas para se desviar um milímetro sequer da lei do grande número*”.¹⁴ A ideologia é oculta pela proposição de objetividade, presente no caráter empirista dos mecanismos de legitimação do sistema. A possibilidade de ascensão social se torna elemento chave nos produtos que passam a apresentar como protagonista o homem comum, a categoria *indivíduo* é substituída por uma generalização. A adesão ao sistema se torna atraente na medida que é apresentada como única forma de se alcançar o sucesso. O acaso se torna o elemento definidor da vida, o contexto econômico, tido como natural, perde seu poder explicativo: “*O acaso e o planejamento tornam-se idênticos porque, em face da igualdade dos homens, a felicidade e a infelicidade do indivíduo – da base ao topo da sociedade – perde toda a significação econômica*.”¹⁵ Essa proposição de liberdade, na verdade é o que possibilita a submissão passiva do homem à lógica do mercado, as grades que prendem o indivíduo à condição de produtor e consumidor são mais eficientes por serem invisíveis.

A *indústria cultural* torna-se mais eficiente como naturalização do contexto conforme elimina a necessidade de legitimação externa:

“*Quanto menos promessas a indústria cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde*.”¹⁶

Sua vitória como ideologia está calcada no esvaziamento da discussão acerca da ideologia.

A rede de proteção social presente no capitalismo¹⁷ tem dupla função. De um lado justifica moralmente o sistema, atribuindo-lhe um caráter assistencial. De outro constitui-se em chantagem, já que traz consigo a constante ameaça da exclusão. A percepção das falhas do capitalismo funde-se inevitavelmente à idéia de que a oposição a ele redundaria em prejuízos individuais. Promove-se uma inversão de valores: “*Os trabalhadores, que são na verdade aqueles que provêem a alimentação dos demais, são alimentados, como quer a ilusão ideológica, pelos chefes econômicos, que são na verdade os alimentados*.”¹⁸ Através da “generosidade” legitima-se moralmente a hierarquização social pela competência.

O sofrimento, presente no sistema capitalista, não é negado pela *indústria cultural*, mas valorizado como elemento que engrandece a existência. A tragédia, aspecto tomado da arte séria, aparece como destino daqueles que não cooperam. Aceitar a dureza da vida é a melhor opção diante de uma alternativa que se apresenta como auto-destrutiva: “*A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não*

¹⁴ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 135

¹⁵ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 137

¹⁶ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 137

¹⁷ O desmonte do “Estado de bem estar social” empreendido pelo neoliberalismo ocorre após a morte de Adorno.

¹⁸ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 141

cessam de receber pancadas.”¹⁹ De resistência à adaptação à tragédia passa a suporte da falsa conciliação entre indivíduo e sociedade empreendida pela *indústria cultural*.

Da conciliação forçada entre o universal e o particular surge o modelo de homem coerente com a lógica da *indústria cultural*: o *pseudo-indivíduo*. A impressão de autonomia não é mais do que variações enquadradas pelo sistema: “*As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural.*”²⁰ É preciso relevar o fato de que o conceito de indivíduo é uma proposição burguesa, utilizada de forma propagandística mas nunca efetivada, sua aparente realização no capitalismo tardio ocorre de forma artificial e a partir da total negação de sua essência. A impressão de autonomia decorre da assimilação totalitária da lógica do sistema pelo indivíduo.

Sob o domínio da lógica da *indústria cultural* a produção artística assume integralmente sua submissão ao mercado: “*O novo não é o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que, hoje, ele se declara deliberadamente como tal...*”²¹ A cultura passa a se orientar pela lógica do utilitarismo, sua transformação em mera propagação da onipotência da ideologia burguesa permite à *indústria cultural* o abandono da venda formal de seus produtos, apresentados como leituras neutras da realidade, destinadas a situar descompromissadamente o homem no mundo. O pagamento pelo consumo das obras de arte, outrora realizado em dinheiro, hoje tem como moeda a consciência do indivíduo.

O esvaziamento do sentido dos produtos da *indústria cultural* promove sua transformação em peças publicitárias, quanto mais as obras se tornam mera propaganda do sistema maior é a hegemonia. Dizem Adorno e Horkheimer: “*Quanto maior é a certeza de que se poderia viver sem toda essa indústria cultural, maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores*”²²

A função da propaganda muda. Anteriormente ela foi um instrumento de conquista do consumidor num contexto de concorrência. Com o esfacelamento da liberdade de mercado, eliminada pelo novo espírito monopolista, ela é indicativo de sobrevivência da empresa:

*“Só quem pode pagar continuamente as taxas exorbitantes cobradas pelas agências de publicidade, pelo rádio sobretudo, isto é, quem já faz parte do sistema ou é cooptado com base nas decisões do capital bancário e industrial, pode entrar como vendedor no pseudomercado.”*²³

A *indústria cultural*, como publicidade de si mesmo torna-se uma ideologia hegemônica. A naturalização da realidade construída socialmente, a que se propõe, só é realizável através do

¹⁹ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 144

²⁰ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 145

²¹ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 147

²² Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 151

²³ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 151-152

esvaziamento do sentido da autêntica reflexão. A produção artística só é aceita quando se reduz à confirmação da inevitabilidade da estrutura social existente.

O uso da linguagem confirma o caráter alienante da *indústria cultural*. O espírito empirista acaba por prender a palavra ao caráter comunicativo, propondo como superticioso seu potencial reflexivo: “*O que, numa sucessão determinada de letras, vai além da correlação com o evento é proscrito como obscuro e como verbalismo metafísico.*”²⁴

Essa suposta objetividade, na verdade é uma nova forma de misticismo. O positivismo, ao se afirmar como destino científico final, demonstra o seu caráter dogmático:

“*A cegueira e o mutismo dos fatos a que o positivismo reduziu o mundo estendem-se à própria linguagem, que se limita ao registro desses dados. Assim, as próprias designações se tornam impenetráveis, elas adquirem uma contundência, uma força de adesão e repulsão que as assimila a seu extremo oposto, as fórmulas de encantamento mágico*”²⁵

A palavra deixa de ser possibilidade de expressão individual para se tornar a mera repetição da ideologia capitalista. A submissão da linguagem à lógica da *indústria cultural* evidencia a sua imposição aos níveis mais profundos da consciência.²⁶

A eliminação do particular é empreendida através da imposição de uma nova concepção de autonomia. A partir do momento que o homem se crê emancipado cessa a demanda por liberdade. Oculta-se o caráter social das decisões pessoais: “*Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.*”²⁷

As reflexões apresentadas acima, oriundas do capítulo *Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas* da obra *Dialética do Esclarecimento*, são rediscutidas, duas décadas depois, no texto *Indústria Cultural*, de Adorno.

Nesse, é reafirmado o caráter vertical de uma imposição ideológica que se afirma pelo ocultamento e impõe silenciosamente a hegemonia da lógica mercantil às relações humanas. É notável, contudo, a definição do sentido de *indústria* nesse processo. Inegável o fato da produção artística se assemelhar cada vez mais à uma linha de montagem. Porém, sua ligação essencial com o sistema é evidenciada pela submissão da arte ao papel de propaganda deste. Não é a incorporação da técnica, mas o potencial ideológico que determina a moderna identificação entre indústria e cultura.

A grande contribuição desse texto, em relação à discussão do conceito *indústria cultural* é, não obstante, a verificação de seu impacto sobre o ambiente intelectual a partir de sua formulação.

²⁴ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 153-154

²⁵ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp.154

²⁶ É pertinente mencionar a obra *1984*, de *George Orwell*, onde a redução do vocabulário é imposto como estratégia para a regressão da reflexão.

²⁷ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 156

Adorno percebe a influência de suas formulações. A *indústria cultural* é considerada pela academia. Porém, essa consideração pode levar ao conformismo. A percepção do poderio do sistema justifica uma postura pragmática, que concretiza, por outro caminho, a naturalização da pseudorealidade imposta às massas:

*“Instalou-se um tom de indulgência irônica entre os intelectuais que querem se acomodar a esse fenômeno e que tentam conciliar suas reservas em relação à indústria cultural com o respeito diante do poder.”*²⁸

Mesmo entre aqueles que percebem as conseqüências deletérias da *indústria cultural*, assume-se uma postura de aceitação, derivada da idéia de que a situação ficaria pior se não houvesse a aceitação em relação ao sistema: *“Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem a satisfações que, na realidade não o são.”*²⁹

Porém, Adorno aponta como mais relevante o argumento em prol da *indústria cultural*, aquele que a defende como uma forma de orientação para o homem em um mundo insondável. Para ele, no entanto, o que é oferecido é apenas a dominação e não critérios para uma conduta autônoma.

O fato dos produtos culturais não mais apresentarem-se como artísticos não lhes diminui a responsabilidade no processo de redução da cultura à mercadoria: *“Nenhuma infâmia é amenizada pelo fato de se declarar como tal”*³⁰

A *indústria cultural* se converte em propagadora de sua própria ideologia, num processo de autovalidação. Diz Adorno: *“Fazer referência à ordem, simplesmente, sem a sua determinação concreta, apelar à difusão das normas sem que estas sejam obrigadas a se justificar concretamente ou diante da consciência, não tem valor.”*³¹

A posição do sistema, como juiz de si mesmo, só pode ter validade dentro das regras desse sistema. O que a *indústria cultural* proporciona não é o triunfo da felicidade humana mas o conformismo em relação à impossibilidade de satisfação.

Sobre o conceito *indústria cultural*, assim como aparece em Adorno podemos tecer alguns comentários.

Ele se refere à produção cultural submetida aos interesses econômicos, presente no capitalismo contemporâneo. Se essa submissão sempre existiu, no modelo atual ela se realiza totalmente por englobar, através do totalitarismo do estilo, até mesmo o que aparenta ser contraposição ao sistema.

²⁸ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp. 291.

²⁹ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp. 292

³⁰ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp. 292

³¹ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp. 293

A manipulação das consciências empreendida pela *indústria cultural*, reduz o homem a uma condição de *pseudo-indivíduo*. A afirmação ideológica do capitalismo como *locus* da liberdade é assimilada pelas massas que percebem como suas as demandas do sistema que determinam suas ações. O conflito na relação entre o particular e o universal é ocultada por uma sensação fabricada de conciliação.

A absolutização da razão técnica atua nesse processo como legitimador da lógica capitalista. Estabelecem-se padrões para o funcionamento dessa sociedade e o que foge ao espírito positivista é reduzido à categoria de não científico. A objetividade pretendida é falsa, uma vez que se embasa em uma premissa falsa: a inevitabilidade da atual estrutura social.

Os efeitos das formulações frankfurtianas fugiram aos interesses dos autores. Parte dos intelectuais que aceitaram suas idéias a converteram em seu contrário: eternização do sistema. Isso elimina o potencial crítico do conceito, mesmo afirmando a força do capitalismo, as reflexões de Adorno e Horkheimer devem ser entendidas como esforços para sua superação.

Uma visão superficial do conceito de *Indústria Cultural* pode levar a idéia de que esse se embasa numa concepção de valorização de uma erudição elitista e na impossibilidade da superação do estado opressivo. A crítica ao tecnicismo oriunda dessa leitura de mundo apareceria como nostalgia, uma vez que a nova forma de dominação eliminaria a possibilidade da formação de consciências autônomas.

Na concepção vertical da produção cultural está, indubitavelmente, implícita a idéia de que o que parece espontâneo estaria, na verdade, submetido à uma lógica que escapa ao controle dos que parecem ter papel de agentes.

A distinção entre arte séria e leve demarca a fronteira entre uma produção superior e a popular. Essa diferenciação, contudo, não constitui uma crítica à massa nem à sua forma de expressão: “A arte “leve” como tal, a diversão, não é uma forma decadente. Quem a lastima como traição do ideal da expressão pura está alimentando ilusões sobre a sociedade.”³² As manifestações populares são decorrência de um contexto e não evidência da inferioridade das massas.

A produção da *industria cultural*, construída através de uma fusão entre elementos da arte séria e da arte leve promove uma falsa conciliação. O agente desse processo, porém, é a elite e não a massa. O nível cultural, relativamente atrasado, das camadas populares não é o elemento que proporciona a submissão da arte à lógica mercadológica. Na verdade, os interesses das classes dominantes são impostos, de uma forma sutil o suficiente para parecerem emanações de uma verdade universal:

³² Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pps. 126-127

*“ O que é significativo não é a incultura, a burrice e a impolidez nua e crua...Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural”*³³

Na discussão acerca do elitismo no pensamento adorniano é relevante a menção desse aos povos menos desenvolvidos tecnologicamente como “trogloditas”³⁴. O termo, apesar do caráter pejorativo, é uma referência à situação contextual e não à essência dos povos citados.

A equiparação da violência explícita com a implícita em relação à utilidade para o sistema repressivo propõe que não houveram avanços significativos. A proposição da liberdade de expressão como ilusória restringe a possibilidade de resistência.

Essas conclusões exprimem, indubitavelmente, uma leitura pessimista do mundo. Porém, o descortinamento de uma situação complexa de dominação é uma etapa necessária à sua superação. A afirmação de uma autonomia, que se mostra um embuste, não leva a emancipação, apenas a consciência de nossa situação de títere pode conduzir ao rompimento dos fios que determinam nossa consciência, em conflito com nossos interesses concretos: *“Levar a sério a proporção de seu(da indústria cultural) papel incontestado, significa levá-la criticamente à sério, e não se curvar diante de seu monopólio”*³⁵

Apesar da ênfase nas reflexões teóricas acerca de uma realidade francamente contraditória existem referências à necessidade de intervenção:

*“Quando em face da mera reprodução da existência, de todo ainda se concedem ao luxo de pensar, comportam-se como privilegiados; quando se limitam a pensar, declaram a nulidade de seu privilégio.”*³⁶

Não é a técnica em si o alvo da crítica, mas sua utilização concreta. Diz Adorno:

*“Além disso, gostaria de acrescentar que não sou contra a televisão em si, tal como repetidamente querem fazer crer. Caso contrário, certamente eu próprio não teria participado de programas televisivos. Entretanto, suspeito muito do uso que se faz em grande escala da televisão, na medida em que creio que em grande parte das formas que se apresenta, ela seguramente contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores”*³⁷

A crítica à tecnologia em Adorno, portanto, não pode ser considerada obscurantista. O progresso aparece como inerente ao desenvolvimento humano. O ataque à técnica em si redundaria em crítica ao homem como espécie e não ao momento específico da sociedade.

Contudo, a teoria crítica promove um ataque impiedoso à concepção, essa sim obscurantista, de que o avanço da ciência leva inevitavelmente à melhora da condição de vida humana. Na verdade, a

³³ Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*. Pp. 127

³⁴ Theodor W. ADORNO & Helmut BECKER, *Televisão e Formação*. In ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Pp. 83

³⁵ Theodor W. ADORNO, *A indústria cultural* in, Gabriel COHN (Organizador) *Grandes Cientistas Sociais (Adorno)*. Pp.291

³⁶ ADORNO, T.W. *Minima Morália*. Editora, Aforismo 6, Pp. 21

³⁷ Theodor W. ADORNO & Helmut BECKER, *Televisão e Formação*. In ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Pp. 77

tecnologia não é neutra, mas um elemento cujas consequências dependem de sua orientação ideológica.

O exemplo mais emblemático da inexistência dessa relação direta é a ascensão do nazismo na Alemanha cultural e tecnologicamente desenvolvida. Esse processo, ao contrário, foi marcado pelo massacre orientado pelos princípios da racionalidade. Mais do que um acidente, o hitlerismo é uma demonstração do potencial barbarizante presente no progresso técnico.

Diz Adorno:

*“ Milhões de pessoas inocentes – e só o simples fato de citar números é humanamente indigno, quanto mais discutir quantidades – foram assassinadas de uma maneira planejada. Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente. O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa.”*³⁸

A aliança entre técnica avançada e barbárie é uma possibilidade concreta na sociedade.

Acerca do pensamento adorniano são possíveis, portanto, algumas considerações.

A proposição da superioridade da arte séria sobre a arte leve, e a consequente crítica à ignorância se dá como questionamento da sociedade e não do povo. É o desenvolvimento histórico, e não a inferioridade biológica, a razão para a aceitação pela massa da arte leve.

O triunfo da *indústria cultural* transforma radicalmente essa divisão, uma vez que promove uma produção de caráter falsamente popular, que se vale de elementos da arte séria. A ideologia dominante aponta como as demandas populares como princípio orientador dessa produção. Para Adorno, contudo, a aceitação da massa é decorrência da assimilação por ela dos ideais burgueses, que passam a substituir sua consciência.

Essa assimilação leva a conclusão de que o fenômeno da dominação é complexo demais para ser tratado em termos de uma lógica linear. A superação das relações sociais capitalistas passa pela emancipação da consciência do povo, que toma como inevitável e até benéfica uma situação que os oprime.

O sistema está equipado com mecanismos para evitar a emancipação popular. A promoção de um estado formal de liberdade esvazia as justificativas da luta em prol da conquista da autonomia. A absorção de uma aparente oposição ao regime ressalta seu espírito (falsamente) democrático e permite o controle do potencial de resistência, muito do que aparece como subversão é mero reforço da lógica da *indústria cultural*.

A situação descrita não é a aceitação da ineficácia da luta contra o capitalismo. O que é proposto é uma análise esclarecedora acerca da estruturação da sociedade. A crítica não se dirige à oposição em si ao regime mas procura alertar para o fato de que movimentos aparentemente

³⁸ Theodor W. ADORNO & Helmut BECKER, *Educação após Auschwitz*. In ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Pp. 120

contestadores muitas vezes agem dentro da lógica que pretendem negar. Seria necessário desvendar as consequências ocultas da imposição ideológica.

As duras críticas ao desenvolvimento tecnológico não são direcionadas a ele mas ao seu resultado. Por um lado, a ciência é orientada por interesses da classe dominante e não pelo bem geral, ela é mais um elemento reforçador da exploração. Por outro, a imposição do empirismo à todas as ciências redimensiona o conceito de verdade, relegando o estudo reflexivo ao patamar de credice.

Os aspectos passíveis de interpretação como elitistas, pessimistas e obscurantistas, presentes no pensamento adorniano, não constituem defesa de um caráter eterno do estado atual opressivo, nem apologia ao passado. Mais do que isso são elementos na leitura de mundo que o frankfurtiano se propõe a realizar. Essa leitura não aponta caminhos fáceis, mas não pode ser considerado reacionário, uma vez que o conhecimento efetivo da realidade é essencial para um projeto que vise sua superação.

Indústria Cultural: retomada do conceito por Adorno em 1968

Em 1968, Adorno retoma o conceito Indústria cultural em palestras que foram compiladas em um texto. Abaixo é apresentado um resumo desse texto seguido de uma análise de seu valor como complemento à obra conjunta *Dialética do Esclarecimento*.

O abandono do termo usado na época: cultura de massa e sua substituição por indústria cultural está ligado a afirmação da falta de espontaneidade do consumidor no processo. A demanda não é a fonte para a produção mas é construída em consonância com os interesses dominantes e depois apresentada como explicação para a qualidade das obras.

Os diversos ramos da indústria cultural (cinema, rádio, jornais) estão organizados em um sistema. Por trás de uma aura de democracia e abertura para a participação se esconde a dominação silenciosa.

Ao propor o indivíduo como sujeito da produção cultural a indústria cultural cria a caricatura desse indivíduo. Propõe-se um modelo desse, que se comporta de acordo com as imposições do sistema mas que, dispondo de autonomia formal não pode criticar a realidade, que seria fruto de suas próprias opções. O pseudo-indivíduo não pode se contrapor a um estado de coisas que é sua condição de existência.

A lógica que move todo esse sistema é o da mercantilização da existência. A vida deve ser entendida a partir da lógica do valor de troca. A obra de arte a tempos é mercadoria, se pensarmos que delas provêm a sobrevivência do artista, na indústria cultural, porém, essa característica se sobrepõe às demais. A motivação primeira para a produção cultural passa a ser o lucro.

A autonomia nunca foi plenamente alcançada pela arte, cuja produção sempre esteve condicionada a interesses políticos e econômicos. Na modernidade, porém, ela é abolida. A cultura sempre foi de alguma maneira uma crítica do existente, hoje ela aparece apenas como sua reafirmação.

A vitória desse projeto de venda de um contexto como formato social definitivo permite que a indústria cultural abandone formalmente seu caráter comercial. Ao oferecer-se gratuitamente para os consumidores, os meios de comunicação de massa desempenham o papel de estabelecer o contato entre os homens e a proposição de realidade imposta. O preço pago é a aceitação como natural de algo que está sendo imposto.

A indústria cultural traz consigo aspectos que lhe são anteriores. Já na literatura comercial do século XVII se percebia a rigidez estrutural presente na modernidade. A novidade está na alteração constante com que esta estrutura é apresentada. O mesmo se eterniza uma vez que é sempre proposto como inédito.

O termo indústria não deve ser entendido como decorrente da forma de produção artística. Ele evidencia a idéia de que a cultura na modernidade obedece uma lógica de padronização, coerente com o espírito de transferência da lógica industrial a todos os setores da vida. A questão não é o formato da produção artística mas o papel que essa produção desempenha.

É interessante notar o papel da falsa noção de individualidade na afirmação da indústria cultural. A idéia de que as decisões são autônomas faz com que a aceitação do sistema se apresente como forma de fuga para a angústia que o próprio sistema impõe ao homem.

A técnica liga-se, na produção artística, às características internas da obra. Na indústria cultural, ao contrário, está relacionada à reprodução mecânica e à distribuição dos produtos. Se apresentando como exterior e determinante da obra ela impõe uma “camisa de força” que não pode ser superada.

A importância da indústria cultural é inegável, negar sua existência em análises sociológicas constitui um erro teórico. Porém, a percepção de sua existência não deve embasar uma visão conformista. Levar a sério a situação atual não é aceitar suas regras, mas, entendendo-as, realizar a crítica ao presente prejudicado, buscando caminhos para sua superação.

Adorno critica a tendência submissa de intelectuais ao poder e a conseqüente adesão à idéia de inevitabilidade do formato social imposto. A consciência das falhas do sistema esbarra na concepção conformista de que o engano é desejado por aqueles que são logrados.

A grande legitimação da indústria cultural, contudo, é a de que ela permitiria a organização racional da vida em um mundo anárquico. Porém, o que ocorre é a aniquilação da experiência em prol de uma existência programada. O fato do sistema assumir a mercantilização da arte não impede os efeitos dessa submissão.

Fechada em sua lógica, a indústria cultural é legítima, uma vez que se apresenta como formato de expressão adequado àquela. Nisso está calcada a força da indústria cultural, que não tem adversários possíveis. Aí também está a possibilidade de crítica, que para ser efetiva deve ser questionamento de todo o sistema. Esse se sustenta na proposição de que a única forma de organização social possível é o presente contraditório.

Mesmo apontando suas vantagens, os defensores da indústria cultural, diz Adorno, não podem negar que ela não possibilita a plena realização mas apenas propicia o conformismo. Na prática, onde poderia se justificar a validade desse processo, o que se observa é a criação de um público imbecilizado.

Aferir o caráter regressivo de cada elemento da indústria cultural é um trabalho de difícil realização, até porque nega os interesses dos financiadores da ciência. Seu resultado prático, porém, é visível na orientação dos indivíduos por seus produtos.

A transferência da satisfação para seus produtos é essencial para o êxito da indústria cultural. A impossibilidade da auto-realização é compensada pela ilusão de que esta será alcançada nesse sistema. A proposta de governo democrático é criada pelo capitalismo para depois ser negada. Esse governo impede mais eficientemente a emancipação na medida em que mais se apresenta como sua expressão.

O texto, resumido acima, não é uma contraposição, reavaliação ou complemento ao que Adorno e Horkheimer escreveram no capítulo *Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, da obra *Dialética do Esclarecimento*. O que se percebe, em sua primeira parte, é um resumo reafirmativo.

Sendo assim, o interesse recai nas páginas finais, aonde Adorno avalia a repercussão da idéia de indústria cultural no pensamento científico, que não pode mais negá-la.

Por desagradável que seja a proposição de que não existe autonomia possível em nossa organização social, não existe pior caminho do que ir contra os fatos. A possibilidade de superação de um contexto passa inevitavelmente pelo reconhecimento de suas regras de funcionamento.

Adorno, porém, adverte para o perigo do adesismo. A força do sistema pode levar à aceitação, por parte de intelectuais, do principal êngodo que o alimenta: sua inevitabilidade. Contra isso, o frankfurtiano empreende uma análise dos argumentos legitimadores da indústria cultural.

Um primeiro grupo de intelectuais, formalmente adaptado ao regime, percebe o caráter vazio das obras oferecidas às massas. Porém, não veem malefícios nisso e ainda acreditam no valor para as massas do resquício de substância que ainda sobrevive nos produtos da indústria cultural. Contra isso, Adorno, afirma que o conteúdo apresentado, quando efetivo, leva somente ao conformismo.

Outra forma de adesismo é a defesa de que o engano é desejável. Por mentirosas que sejam as promessas da indústria cultural elas representariam a única forma possível para se alcançar alguma satisfação. Porém, as recompensas são alcançadas ao preço da renúncia à existência livre.

A forma mais sofisticada de legitimação da indústria cultural é a que apela para a força de organização que esta tem frente a um mundo caótico. Num contexto confuso, as obras direcionadas pelo sistema seriam uma forma de orientação para os indivíduos. Adorno, argumenta, contudo, que não é legítima a defesa da ordem em si, uma vez que o formato desta não é discutido. A coesão social só é benéfica quando significar um bem para a existência concreta dos indivíduos. A ordem na indústria cultural é efetiva, mas redundante em mera afirmação do contexto.

A análise dos efeitos práticos do domínio da indústria cultural, algo que deve agradar ao espírito empirista de seus defensores, evidencia seu caráter alienante. O objetivo de todo esse processo é a criação de um “rebanho humano”, o que elimina qualquer traço de autonomia individual.

Adorno propõe, portanto, uma reflexão sobre os argumentos que procuram legitimar a indústria cultural em um contexto em que ela não pode mais ser negada como fato. O pensador pensa nesses argumentos como forma de justificar um sistema que, na realidade, permanece como expressão de uma ordem alienante embasada nos interesses hegemônicos do capitalismo.

Capítulo 2: Visões críticas ao conceito Indústria Cultural

Para melhor caracterizar o tema pareceu adequado apresentar, nesse segundo capítulo, algumas visões críticas ao conceito. Umberto Eco, Jurgen Habermas, Paulo Putterman e Dermeval Saviani são alguns teóricos que exprimiram suas discordâncias em relação às idéias adorno-horkheimianas, discordâncias que serviram para compor um painel acerca dessas controversas idéias.

Visões críticas ao conceito

A descrença, presente no conceito *indústria cultural*, aparece como ponto concordante na discussão dos comentaristas selecionados. O suposto determinismo inerente a idéia de unificação dos interesses da cultura e do capital engendraria um pensamento pessimista ao ponto da negação da dinâmica histórica.

A Teoria Crítica seria, então, uma negação profunda ao sistema capitalista, que não realiza sua função transformadora por não trazer consigo a reflexão sobre sua superação. A Escola de Frankfurt, portanto, se reduziria a um clube onde se pratica um refinado jogo intelectual, que livraria a consciência de seus membros, mas redundaria em ponto de apoio ao contexto que nega formalmente.

O pessimismo exagerado, o desprezo pela dinâmica social e a postura intelectualista seriam elementos que afastariam as idéias adorno-horkheimiana de seu objetivo crítico. Basicamente os textos dos comentaristas selecionados apresentam argumentações referentes a esses temas.

É evidente que o resumo apresentado acima não é suficiente para a compreensão do raciocínio dos autores e, muito menos, para afirmar a unidade desses. A desconstrução da proposta frankfurtiana é realizada por vias que exigem a reflexão para o entendimento. Essas vias diferem entre si, o que torna diverso o sentido do pessimismo, imobilismo e elitismo em cada concepção. As diferenças na visão de mudam têm como consequência o fato essencial de que, não obstante a semelhança aparente das críticas, são divergentes as alternativas apresentadas ao pensamento frankfurtiano.

Todos os textos apresentam visões incisivamente críticas às proposições adorno-horkheimianas. As demonstrações de respeito ao esforço intelectual dos frankfurtianos, presente pelo menos por parte de Saviani, Eco e Habermas, não ameniza a intenção dos comentaristas, que é a desqualificação da Teoria Crítica enquanto explicação do mundo.

Essa desqualificação é alvo de intensa polêmica. É evidente que aos argumentos de Eco, Putterman, Saviani e Habermas podem ser apresentados sólidas contraposições. Está aberta a questão da validade das idéias frankfurtianas propostas na *Dialética do Esclarecimento*.

Apresentação individual das críticas

Umberto Eco

No prefácio de sua obra *Apocalípticos e Integrados*, Umberto Eco propõe uma crítica à visão de mundo expressa por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*. Para o autor, a Teoria Crítica não capta a historicidade do fenômeno *cultura de massa*, absolutiza o caráter doutrinador dessa num evidente desprezo pelo potencial de autonomia do povo. Ao afirmar a hegemonia da dominação, os apocalípticos são os inauguradores da mistificação que se pretendem críticos.

Nas linhas abaixo, será apresentada uma síntese da argumentação do pensador italiano.

- **Conceito-fetichismo:** essa idéia, proposta por Eco, é central na argumentação presente no texto, sendo assim apresenta-se como pertinente sua caracterização. Para o autor, alguns termos que exprimem visões contextuais são mistificados e ganham ares de verdade absoluta. Disso resulta a estagnação da investigação científica, pois as conclusões passam a se submeter a princípios dogmáticos. O autor ressalva que não é possível a discussão do tema abordado sem a recorrência à alguns desses conceitos, para atenuar seus efeitos nocivos ele empreende uma discussão acerca de alguns termos utilizados, ao invés da mera imposição desses aos leitores.
- **Cultura de massa X Indústria Cultural:** o fenômeno da popularização no acesso da comunicação gera a idéia de uma cultura massificada. Para Adorno e Horkheimer a intensa verticalização do processo e seu caráter doutrinador pode ser melhor apreendido pela idéia de *indústria cultural*. Coerente com sua crítica ao caráter paralisador das proposições frankfurtianas, explicitada nos itens abaixo, Umberto Eco opta pelo uso do termo *cultura de massa*.

Isso não significa uma adesão do autor à idéia de democratização propagada pelos integrados, que ele nega ao apontar a origem burguesa da produção cultural destinada ao povo. O próprio conceito *massa* é criticado diretamente. No entanto, Eco percebe a necessidade da opção por uma das formulações para que se possa discutir a questão da cultura contemporânea.

- **Negação da história:** o próprio termo apocalíptico já é índice de uma idéia paralisante. A proposição de que o destino social está traçado é conformista, independentemente do viés crítico ou apologético. Isso acaba por igualar os integrados aos apocalípticos, ambos defendem a tese da inevitabilidade do sistema. A crítica recai contra um espírito pessimista que propõe o contexto como catástrofe, reduzindo toda a tentativa de resistência à subproduto do sistema. Para Eco, a *cultura de massa*, para o bem e para o mal, é parte do desenvolvimento histórico,

qualquer tentativa de pensar e repensar o mundo deve levá-la em conta como fenômeno legítimo.

- **Elitismo:** o pessimismo descrito acima tem como requisito a negação do potencial de autonomia da massa. O povo não apresentaria condições de resistir à uma máquina de propaganda destinada à controlá-lo e se tornaria mera massa de manobra.
- **Recusa da análise:** essa postura, que vê a *cultura de massa* como um instrumento de doutrinação que reduziu a consciência popular ao conformismo, redonda no desprezo do estudo dos mecanismos internos da *indústria cultural*. Uma vez determinado que as obras de arte se tornaram apenas um instrumento para a eternização do capitalismo cessa o interesse por elas como objeto. Para Eco isso é equivocado, a *cultura de massa* é uma realidade, o que torna a análise de seus mecanismos internos um procedimento imprescindível para o entendimento da sociedade.
- **Mistificação do conceito:** ao absolutizar o domínio de uma *indústria cultural* sob a consciência do povo, os frankfurtianos acabam por conferir um caráter divino aquilo que pretendem criticar. É inevitável relacionar a crítica de Eco à Teoria Crítica ao ataque contra o positivismo apresentado no parágrafo inicial da *Dialética do Esclarecimento*:

“No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investí-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal.”³⁹

Os frankfurtianos atacam o desenvolvimento concreto do esclarecimento que, ao reduzir a razão à técnica, apresenta uma noção de verdade tão dogmática quanto a religião que pretendia superar.

Segundo Eco, a categoria *indústria cultural* funciona como um conceito-fetice que atribui poder ilimitado aos produtores de cultura e fazendo com que o raciocínio frankfurtiano também descaiba para o misticismo.

- **Validade da crítica:** no último parágrafo do prefácio, Eco, reconhece sua dívida para com os apocalípticos e dedica a eles sua obra. O autor afirma partilhar da maioria das idéias e atenta para o valor de suas considerações para o entendimento do fenômeno *cultura de massa*. Eco dá conta de que existe base para uma visão negativa do presente mas recusa um tratamento catastrofista e, portanto, paralisante.

O texto de Umberto Eco apresenta uma crítica de viés não conformista aos apocalípticos em geral e ao pensamento frankfurtiano em particular. A oposição insinuada no título do texto não é o centro da análise do pensador italiano.

³⁹ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985. Pp. 19

As proposições daqueles que são chamados de integrados são sumariamente negadas por uma visão de mundo que não vê a sociedade contemporânea como a era das liberdades e oportunidades para todos. Eco percebe o caráter classista da *cultura de massa* e nisso concorda com a Teoria Crítica.

O que se censura nos apocalípticos é a propensão à mistificação do sistema, que redundava na conclusão de que o homem comum não teria condições de se desvencilhar do processo doutrinador a que está aferrado. Dessa forma, aquele que se propõe como grande adversário da máquina capitalista contribui para a fortalecer o poder simbólico desta.

É central a impiedosa análise de Eco da relação entre os apocalípticos e o fenômeno da massificação da cultura. A percepção do caráter doutrinador da produção leva pensadores críticos à conclusão paranóica de que a burguesia não poderá ser contestada pelo homem comum, arrebanhado por força de uma máquina propagandística hegemônica. Essa conclusão revela uma fascinação dos apocalípticos pelo objeto de sua negação, o que leva Eco a propor que são eles os primeiros a ser seduzidos pela força que atribuem à máquina propagandística.

A dura crítica empreendida por aqueles que na verdade são fascinados pelo sistema tem dupla função. Em primeiro lugar, retira o sujeito da vala comum dos alienados e conformistas, confortando sua consciência, proporciona a agradável ilusão de entender o que a massa nem sequer imagina. Sem sair da academia se torna possível a expressão da indignação com o presente contraditório. Em segundo lugar, permite ao intelectual a proximidade do seu objeto de adoração, sem revelar a causa real de sua obsessão, como diz Umberto Eco:

“Como a manifestação, a duras penas mascarada, de uma paixão frustrada, de um amor traído; ou melhor, como a exibição neurótica de uma sensualidade reprimida, semelhante à do moralista, que, denunciando a obscenidade de uma imagem, detém-se tão demorada e voluptuosamente sobre o imundo objeto do seu desprezo que trai, naquele gesto, a sua real natureza de animal carnal e concupiscente.”⁴⁰

A categoria *indústria cultural*, como proposição de uma relação direta entre produção artística e interesse da classe dominante, gera um espírito de recusa em bloco de todas as obras a ela associadas. Essa negação arbitrária seria um entrave ao entendimento do processo de disseminação da cultura, por desconsiderar a análise particular de cada produto. Para Eco, concretamente se mantêm, mesmo que fortemente condicionada, a autonomia tanto do autor quanto do consumidor da cultura. O entendimento dos fenômenos, mesmo aceitando sua determinação social, deve passar pelo estudo de todos os seus aspectos, a partir de um ponto de vista que não se perca no maniqueísmo.

Tanto a apologia cega a um sistema com evidentes contradições quanto a propagação da desesperança descambam em uma negação do homem como sujeito de sua história, tratam o desenvolvimento humano como atado a um destino imutável e impossibilitam, na prática, a resistência.

⁴⁰ ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001, 6ª Ed. Pp. 19

Para os integrados isso não é uma crítica, seu desejo manifesto é o da manutenção do sistema. Para os apocalípticos, no entanto, a equiparação de sua prática ao dos conservadores significa que seus esforços serviram aos inimigos.

Ao equiparar as duas tendências apresentadas no título, Umberto Eco apresenta a contraposição que lhe parece importante. Seu interesse recai na distinção entre as atitudes que concretamente contribuem para a manutenção do sistema e uma possível alternativa de mudança assentada no mundo como ele se apresenta.

Dermeval Saviani

A crítica de Savianni à Escola de Frankfurt será analisada a partir do texto *Gramsci na Educação Brasileira*, uma introdução, à edição brasileira do livro *Teoria da personalidade na sociedade de massa*, de Dario Ragazzini, que aqui será proposta, centra-se nas referências à Escola de Frankfurt. A importância vital de Gramsci para o entendimento do século XX, inclusive como contraponto de esquerda à “Teoria Crítica”, amplificaria demasiadamente os horizontes do trabalho, tirando-lhe qualquer objetividade.

As referências ao grupo de intelectuais alemães, como não poderia deixar de ser, se dão em relação à postura gramsciana. Essas ocupam apenas alguns parágrafos, mas constituem-se em pesada crítica.

Antes de sublinhar os pontos discordantes, é preciso ressaltar que Saviani compreende as duas teorias, gramsciana e crítica, como respostas a uma pergunta que se apresentava: qual a razão leva a classe operária dos países mais desenvolvidos industrialmente à recusa de sua tarefa histórica, prevista por Marx, de comando de mudanças estruturais na sociedade e a leva ao apoio de um sistema que a oprime). Diz Saviani:

“A problemática originária é a mesma. Gramsci, diante do fracasso da tentativa de levante operário na Itália, perguntou-se: por que a revolução proletária teve êxito na Rússia e fracassou na Itália). A mesma questão é posta pela Escola de Frankfurt` diante do fracasso do movimento operário na Alemanha. Em suma, em ambos os casos, o problema que se punha era o das condições de realização da revolução socialista no Ocidente.”⁴¹

Nos caminhos encontrados para explicar esse aparente paradoxo estão a gênese do conflito entre os dois pontos de vista. As discordâncias ganham importância já que ocorrem no universo das teorias que buscam a superação do estado capitalista.

O primeiro ponto apontado por Saviani é a adesão parcial do marxismo pela “Teoria Crítica”. A incorporação de novos elementos teóricos, rotulados por Saviani como muletas, afasta os

⁴¹ SAVIANI, D. in RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa*. Autores Associados, Rio de Janeiro, 2005, pp. 18

frankfurtianos do projeto que Gramsci empreendeu de forma vitoriosa, que se constitui em uma explicação autenticamente marxista para a realidade.

A síntese entre Marx e outras visões teóricas revela, segundo Saviani, uma abordagem intelectualista de sua teoria pelos frankfurtianos. Essa postura significa o abandono de um posicionamento engajado e vivo da ciência, empreendido por Gramsci, e o torna uma tentativa distanciada, mesmo que crítica, de compreensão da realidade:

“Tratava-se de intelectuais(os frankfurtianos) que, dominando um aparato conceitual sofisticado em função de suas condições de vida privilegiadas, se empenhavam em compreender criticamente a sociedade. Gramsci, ao contrário, vivia intensamente a prática humano-histórico e, a partir de seu interior, punha em funcionamento sua capacidade intelectual, aprimorada por uma vontade férrea que exercitava continuamente o movimento entre o sentir, o compreender o saber como condição para transformar os subalternos em senhores do próprio destino, em homens livres.”⁴²

Essa crítica é bastante relevante se pensarmos no apontamento das falhas de um sistema como desejo e esperança de sua superação. As teorias que se opõe ao capitalismo devem gerar uma *práxis* revolucionária e não se contentar com a análise.

Ao se afirmar como marxista ortodoxo, Gramsci não pensa no adesão dogmática redundante da afirmação de previsões que não se realizaram. O que o pensador italiano aceita radicalmente é o método:

“Sim. Gramsci o confessa. A leitura que ele fez de Marx é uma leitura ortodoxa. Mas acrescenta que não se trata de uma ortodoxia à moda religiosa que estiola a doutrina enrijecendo-a e tornando-a impermeável às transformações históricas. Trata-se de uma ortodoxia do método.”⁴³

A evolução histórica mantém, contudo, inalteradas na essência as relações contraditórias do capitalismo, portanto:

“Assim como Marx exercitou à exaustão o método da análise concreta de situações concretas debruçando-se sobre o processo de nascimento, desenvolvimento, transformações e possível superação do capitalismo, mantendo-se atento a todos os acontecimentos importantes de sua época, cabe, conforme o entende Gramsci, dar continuidade a esse procedimento enfrentando com a mesma diretriz metodológica as novas questões que a nova situação histórica vem colocando”⁴⁴

O engano do grupo de Frankfurt é propor uma teoria que se embase mas não totalmente em Marx. Para Saviani, essa posição nega o caráter total do marxismo, o que significa sua negação, uma vez que esse caráter é elemento central do pensamento. Dessa tentativa de articulação redundante uma postura intelectualista que impede o florescimento da prática, essencial para qualquer projeto autenticamente revolucionário.

A diferença entre as duas visões de mundo, a partir da qual Saviani constrói sua crítica à “Escola de Frankfurt”, tem sua base no formato da adesão ao marxismo. Para o autor, a ortodoxia de Gramsci promove uma leitura de mundo passível de gerar uma *praxis* revolucionária, a heterodoxia

⁴² SAVIANI, D. in RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa*. Autores Associados, Rio de Janeiro, 2005, pp. 20

⁴³ SAVIANI, D. in RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa*. Autores Associados, Rio de Janeiro, 2005, pps. 20-21

⁴⁴ SAVIANI, D. in RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa*. Autores Associados, Rio de Janeiro, 2005, pp. 21

dos alemães gera um proceder intelectualista que se fecha na teoria e portanto não é instrumento para a superação do capitalismo, diagnosticado como prejudicial.

Paulo Puterman

O autor, em seu texto *Indústria Cultural: a agônia de um conceito* defende a inconsistência do conceito *indústria cultural*. Para isso o autor ataca a articulação, para ele inválida, entre Hegel e Marx e também aponta para a não verificação prática da proposta teórica frankfurtiana.

O primeiro aspecto evidencia, para Puterman, um equívoco do pensamento adorno-horkheimiano. Para o autor a tentativa de articulação entre os pensamentos hegeliano e marxiano é impossível, dado que o primeiro é idealista e o segundo materialista.

A conhecidência no uso do método dialético não é, para Puterman, suficiente para tornar coerente a matriz alicerçada em pensamentos contraditórios, uma vez que um embasa-se na idéia e outro no concreto.

O outro ponto em que Puterman baseia suas críticas aos frankfurtianos é o caráter abstrato do pensamento. Uma vez que as reflexões do grupo se embasavam na filosofia e não na realidade humana concreta, sua teoria acabava por redundar em um sofisticado jogo intelectual que, contudo, não apresentava verificação prática.

Paulo Puterman, portanto, apresenta-se com terminante oposição ao círculo filosófico de Frankfurt e especificamente ao uso do conceito *indústria cultural*. Para o pensador, a articulação do pensamento materialista de Marx ao idealista de Hegel é impossível, também propõe a Teoria Crítica como uma elaboração meramente intelectual e, portanto, distante do mundo concreto.

Jurgen Habermas

Segundo Jurgen Habermas as reflexões contidas na *Dialética do Esclarecimento* expressariam uma visão filosófica paradoxal. A elaboração teórica dos frankfurtianos representaria a supervalorização da influência da mitologia na modernidade e da submissão da cultura ao capital. Esse quadro pessimista leva ao conformismo, uma vez que representaria apologia da onipotência do sistema criticado.

O autor, como forma de compreensão da origem das idéias adorno-horkheimianas, estabelece relações entre essas e as de Nietzsche. Essa se daria de forma mais intensa do a elaboração da crítica ao esclarecimento. Não obstante as diferenças formais, as teorias se assemelham na medida que afirmam a submissão da sociedade às relações de poder.

A base encontrada para esse pensamento catastrofista teria sido a *negação determinada*. O pensamento burguês, promotor da falsa identidade entre a razão técnica e a verdade, não poderia abrigar uma reflexão autenticamente emancipatória, que encontraria refúgio apenas na própria Teoria Crítica. Dessa forma, os frankfurtianos negam o niilismo sem superar, contudo, o conformismo. A crítica implacável, que se vale da racionalidade, à razão, como única forma de recuperar seu potencial emancipatório, conferiria caráter paradoxal às elaborações de Horkheimer e Adorno.

A proposição de poder ilimitado do sistema no capitalismo pós-industrial, influenciado pelo horror nazista e pela recaída fascista do stalinismo, e a postura hermética dos autores redundaria, segundo Habermas, em uma postura conservadora, que buscaria mais a glorificação de uma teoria do que a superação de uma situação diagnosticada como perniciosa.

Relações entre as críticas

Uma vez estabelecido o teor das críticas em relação à DE, será apresentado um estudo comparativo entre elas. A finalidade nessa etapa é a apresentação de um painel mais amplo das objeções percebidas e a consequente reflexão acerca do caráter unitário dessas.

Pontos comuns

- **Pessimismo:** Em todos os autores aparece a preocupação em questionar o caráter catastrofista da visão de mundo frankfurtiana. Os críticos selecionados percebem em Adorno e Horkheimer uma idéia, expressa pelo conceito de *indústria cultural*, de fusão entre interesses entre capital e cultura. Essa colocaria em xeque as formas de resistência vigentes, que seriam manifestações conservadoras, uma vez que se dariam com a permissão do sistema que pretendem negar.

Umberto Eco: O uso do termo *Apocalíptico* evidencia o caráter pessimista atribuído por Umberto Eco aos frankfurtianos.

Dermeval Saviani: O fato da Escola de Frankfurt criticar acidamente uma estrutura sem construir uma *práxis* para sua superação demonstraria o viés pessimista da corrente filosófica.

Paulo Puterman: “Nessa visão, a base empresarial da sociedade em que se vivia então a perverte em todos os aspectos e todos os comportamentos; penetrando no âmbito da cultura, corrompe-a totalmente e, com isso, corrompe também os consumidores.”⁴⁵

⁴⁵ PUTERMAN, P. *Indústria cultural: a agônia de um conceito*. Editora Perspectiva, São Paulo 1994, pp. 16

Jurgen Habermas: “*só pode manter* (aquele que adere ao pensamento adorno-horkheimiano) sua posição se ao menos tornar plausível que não há *nenhuma saída*”⁴⁶

- **Intelectualismo:** Outro ponto comum nas objeções dos autores é à matriz abstrata do pensamento frankfurtiano, vista como postura intelectualista e, portanto, distante da realidade concreta. Apontado como fruto de uma complexa elaboração filosófica, a *Dialética do Esclarecimento* teria sua validade concreta questionada por não partir da realidade e sim tentar adaptar essa à sua teoria.

Umberto Eco: “...o pensador (o crítico) não poderá propor remédios, mas quando muito, testemunhar sua própria dissensão.”⁴⁷

Dermeval Saviani: “*Observo ainda, que esses teóricos – ao menos é a sensação que me passam – encaram o marxismo de um ponto de vista de um ponto de vista que eu chamaria de intelectualista...*”⁴⁸

Paulo Puterman: As referências de Puterman a base filosófica abstrata da Escola de Frankfurt aparecem tanto na relação entre Hegel e Marx quanto na desconstrução da validação concreta das reflexões adorno-horkheimianas.

Jurgen Habermas: O autor expõe a tese de que a teoria adorno-horkheimiana é formada por um sistema filosófico, que é válido apenas a partir do raciocínio presente nela.

- **Falsa onipotência do capitalismo:** A proposição de um mundo tão falho quanto inevitável, construída a partir de conceitos abstratos e concebida num ambiente histórico extremamente peculiar redundaria, para os autores, em conservadorismo. Segundo esses, os frankfurtianos não percebem mas decretam o caráter onipotente do sistema, que domina até o que parece combatê-lo. Ao aceitar a falta de opções como princípio, a Teoria Crítica torna-se ponto de apoio da estrutura social vigente, uma vez que afirma sua eternidade. Adorno e Horkheimer, portanto, negariam a história, viveríamos em um ambiente de determinação vertical das consciências. A *Dialética do Esclarecimento* expressaria uma visão paradoxal, uma vez que apontaria graves falhas de um sistema, sem apresentação de um projeto para sua superação. Seria uma contestação com resultados conservadores, já que contribui concretamente para a idéia de invulnerabilidade da estrutura que nega formalmente.

⁴⁶ HABERMAS, J. *Discurso filosófico da modernidade*. Editora Martins Fontes, São Paulo 2002, pp. Página 183

⁴⁷ ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001, 6ª Ed. Pp.17

⁴⁸ SAVIANI, D. *Gramsci na educação brasileira*. In RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa*. Autores Associados, Rio de Janeiro, 2005, pp. 20

Umberto Eco: “*O apocalíptico não só reduz os consumidores àquele fetiche indiferenciado que é o homem-massa, mas - enquanto o acusa de reduzir todo o produto artístico, até o mais válido, a puro fetiche – reduz, ele próprio, a fetiche o produto da massa.*”⁴⁹

Dermeval Saviani: A comparação com Gramsci esclarece a posição do autor em favor da possibilidade concreta de superação do capitalismo. Dessa forma, a Teoria Crítica, de caráter contemplativo, se tornaria apologia da invulnerabilidade do sistema.

Paulo Puterman: Para o autor, o conceito *indústria cultural* expressaria a falsa idéia de unificação total entre os interesses do capitalismo e da cultura. Essa unificação traria consigo a idéia do sistema como supremo controlador das consciências.

Jurgen Habermas: “*No instante de sua máxima de sua máxima aceleração, a história empalidecera, petrificada em natureza, transformada no calvário de uma esperança que se tornara irreconhecível*”⁵⁰

Pontos discordantes

- **Formação, origem e época:** A área de interesse acadêmico de cada um dos autores, seu país de origem e época de elaboração dos textos diferem:

Umberto Eco: Linguística, Itália e 1964

Dermeval Saviani: Sociologia da educação, Brasil e 2005.

Paulo Puterman: Sociologia, Brasil e 1994

Jurgen Habermas: Filosofia, Alemanha e 1984

- **Referencial teórico (marxismo):** Todos aceitam o marxismo como grande referencial da corrente filosófica. Porém, a importância e o sentido que cada um confere a essa influência é diferente:

Umberto Eco: chama o pensamento frankfurtiano de *pseudomarxista*, por esse ser distante da prática e transparecer a falta de confiança no homem comum.

⁴⁹ ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001, 6ª Ed. Pp.19

⁵⁰ HABERMAS, J. *Discurso filosófico da modernidade*. Editora Martins Fontes, São Paulo 2002, pp.167

Dermeval Saviani: critica o caráter heterodoxo da adoção do marxismo. Saviani defende a tese de que essa teoria não precisava ser complementada e aponta as elaborações gramscianas como exemplo a ser seguido.

Paulo Puterman: ataca a articulação realizada pelos frankfurtianos entre o pensamento marxiano e hegeliano. A incompatibilidade estaria no fato da primeira corrente ser materialista e a segunda idealista.

Jurgen Habermas: para o alemão, a crítica marxista elevada ao extremo como na Escola de Frankfurt levaria à negação da razão, perdendo assim o potencial emancipatório.

- **Influência da experiência no nazismo:** *A Dialética do Esclarecimento* foi concebida durante os anos de exílio de seus autores nos Estados Unidos, enquanto a Alemanha vivia sob a ditadura nazista. A situação extrema vivida pelos frankfurtianos, que assistiram o triunfo da crueldade, é apontada apenas por dois dos autores, que demonstram assim compreensão em relação aos pensadores da Teoria Crítica, ao mesmo tempo que negam a validade de seu pensamento, ao afirmar esse como fruto do contexto. Puterman e Habermas, ao mesmo tempo que demonstram compreensão pelos indivíduos, os críticos negam a legitimidade da obra.

Paulo Puterman: “Sem dúvida, a experiência do nazismo, que levou os dois autores a se expatriarem, contribui para o desenvolvimento de suas maneiras de pensar”⁵¹

Jurgen Habermas: “Esse contexto permite compreender como pôde consolidar-se, nos anos mais sombrios da Segunda Guerra Mundial, a justa impressão de que a última centelha de razão desaparecera dessa realidade, deixando desesperadamente para trás as ruínas de uma civilização em decomposição.”⁵²

O estudo das críticas permite algumas inferências:

Como já foi dito, a escolha dos críticos do pensamento adorno-horkheimiano foi determinada pela presença em seus textos de algum teor de desconfiança em relação à estrutura social vigente, ou seja a aceitação da pertinência da discussão acerca da nova face da cultura frente à redefinição das relações de dominação no capitalismo pós-industrial.

Esse critério foi adotado por permitir o aprofundamento das reflexões. Para os defensores do sistema, as idéias frankfurtianas são descartadas automaticamente. Segundo esses, chamados de integrados por Umberto Eco, a sociedade segue seu desenvolvimento natural, a massificação cultural significa a democratização da produção artística e a liberdade formal de expressão evidenciaria o

⁵¹ PUTERMAN, P. *Indústria cultural: a agônia de um conceito*. Editora Perspectiva, São Paulo 1994, pp. 13

⁵² HABERMAS, J. *Discurso filosófico da modernidade*. Editora Martins Fontes, São Paulo 2002, pp. 166-167

triufo da autonomia individual. Nesse modelo não há espaço para as reflexões de Adorno e Horkheimer, cujos princípios revelariam uma leitura deturpada de mundo.

A partir, portanto, de elaborações que refletem a preocupação com o questionamento das estruturas sociais foi possível a construção de um painel das críticas em relação às reflexões de Theodor Adorno e Max Horkheimer, presentes na obra *Dialética do Esclarecimento*.

Os comentaristas, por caminhos diversos, chegam a uma conclusão desconcertante: as reflexões dos pensadores frankfurtianos redundam em uma elaboração teórica com resultados inversos aos expressos em seu conteúdo. Para eles, a Teoria Crítica se torna um elemento mistificador da realidade que denuncia.

A percepção da aproximação extrema dos interesses do capital e da cultura, teria sido elevada por Adorno e Horkheimer ao patamar de unidade de interesses. O sistema, portanto, monopolizaria o controle das consciências. O que apareceria como ação autônoma seria mero reflexo da determinação das esferas superiores. Esse quadro, segundo os comentaristas, não expressaria a realidade e sim contribuiria para a construção ideológica da invulnerabilidade do sistema, evidenciaria um fascínio envergonhado dos frankfurtianos pelo foco de seus ataques.

Disso decorre o fato de que as críticas expressas são absolutas. O determinismo social, presente no conceito *indústria cultural* e erros de concepção teórica, como os apontados por Saviani e Puterman, teriam levado os frankfurtianos a um pensamento deturpado. Não obstante a validade de parte das obras adorno-horkheimianas, elas em sua totalidade contradizem seu espírito formalmente crítico.

Os autores selecionados procuram expressar respeito pelos autores da *Dialética do Esclarecimento*. Seja pela menção ao domínio do conhecimento filosófico ou ao período nazista, percebe-se o intuito de apontar a seriedade do empreendimento e não culpar Adorno e Horkheimer por seus erros de concepção.

Essa demonstração de respeito, não obstante seu caráter honesto, não pode ser confundido como uma concessão teórica. Pelo contrário, parte de elementos criticados pelos comentaristas e permitem a esses o exercício da crítica total, ao mesmo tempo em que retira dessa o caráter pessoal.

As críticas de Eco, Puterman e Habermas, portanto, constituem violentos ataques ao pensamento adorno-horkheimiano. Influenciados por um contexto desfavorável, os autores da *Dialética do Esclarecimento* teriam construído intelectualmente uma teoria pessimista. A falta de confiança no homem comum teria levado os frankfurtianos à propor a eliminação da autonomia, criando assim o mal que, supostamente, haviam apenas diagnosticado.

O texto de Dermeval Saviani, talvez pelo tamanho reduzido do trecho dedicado à Escola de Frankfurt se distingue por não citar diretamente o pessimismo e não fazer, assim como Eco, referência

nazismo.⁵³ O foco do sociólogo brasileiro é a forma com que a corrente filosófica utilizou da base teórica marxiana, em relação à ortodoxia gramsciana.

Não obstante as diferenças, é comum nos autores a idéia de que Adorno e Horkheimer perdem-se no paradoxo de propor uma teoria crítica da sociedade, portanto expressão do desejo de transformação, que leva a uma prática conservadora, uma vez que traz consigo a idéia de indestrutibilidade do sistema.

O confronto entre as concepções

Pessimismo

É perceptível uma tonalidade cinza escura nas elaborações adorno-horkheimianas. Desde o primeiro parágrafo da *Dialética do Esclarecimento*, em que se aponta a vitória do esclarecimento como “*calamidade triunfal*”⁵⁴, o painel apresentado é uma visão de mundo que geralmente conduz ao que parecem ser “ruas sem saída”. Para os críticos, o viés adotado, gestado em condições históricas peculiares, é dogmático, revelaria um desejo apocalíptico e faria dos autores promotores e não inimigos do sistema. Diz Umberto Eco:

*“O que, ao contrário, se censura ao apocalíptico é o fato de jamais tentar, realmente, um estudo concreto dos produtos e das maneiras pelas quais são eles, na verdade consumidos. O apocalíptico não só reduz os consumidores àquele fetiche indiferenciado que é o homem-massa, mas – enquanto o acusa de reduzir todo o produto artístico, até o mais válido, a puro fetiche – reduz, ele próprio, a fetiche o produto de massa. E ao invés de analisá-lo, caso por caso, para fazer dele emergirem as características estruturais, nega-o em bloco. Quando o analisa, trai então uma estranha propensão emotiva e manifesta um irresoluto complexo de amor-ódio – fazendo nascer a suspeita de que a primeira e mais ilustre vítima do produto de massa seja, justamente, o seu crítico virtuoso.”*⁵⁵

A crítica exacerbada dos frankfurtianos seria o índice de uma submissão inconsciente ao sistema, se tornando um ponto de apoio ideológico para esse. A observação da realidade, contudo, permite outra análise. A publicidade, através de um discurso cada vez mais sofisticado, constrói crescentemente a idéia da humanização a partir do consumo dos produtos industriais, a submissão ao mercado ganha cada vez mais o status de pré-requisito para a vida em sociedade. As obras de arte, assim como a educação e a culinária, cada vez mais são encaixadas na lógica da linha de montagem.

O panorama apresentado na *Dialética do Esclarecimento* não pode ser apontado como fruto de uma visão paranóica descolada da realidade. As concordâncias entre as proposições adorno-

⁵³ O período é citado apenas no que se relacionou à derrota do movimento operário.

⁵⁴ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*, pp 19

⁵⁵ ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*, pp. 19

horkheimianas e o mundo concreto apontam para a honestidade e pertinência das suas elaborações , cuja dureza na análise apenas acompanha a dureza do mundo.

O estabelecimento de uma visão autêntica de mundo, mesmo que dolorosa, traz consigo uma ponta de otimismo, uma vez que se abandona a esperança alienada, o que abre espaço para a construção de uma estratégia efetiva. A mera afirmação de que a liberdade existe não nos conduz à autonomia, pelo contrário leva-nos a ignorar os fios invisíveis que nos tornam títeres do sistema.

A pertinência das observações adorno-horkheimianas, passíveis de transferência para questões atuais, negam o contexto histórico e espírito adesista como motivações primordiais para o teor pessimista. Na verdade, Adorno e Horkheimer apresentam uma visão honesta e procedente de mundo, cujo tom é definido pela percepção, e não o contrário.

Discurso

O estudo dos textos frankfurtianos exige dedicação por parte do leitor, o uso de frases e parágrafos longos, o desapego à linearidade e a profusão de referências, nem sempre documentadas, são características que indicam a sua complexidade.

Faz-se necessário, portanto, uma investigação da pertinência ou não da forma utilizada. Essa questão é discutida diretamente por Adorno em seu texto *O Ensaio como forma*, no qual o autor defende uma escrita que não se submeta ao objetivismo positivista, para tornar possível a análise de uma realidade que não cabe na exatidão do plano cartesiano.

Para ele, o ensaio é uma expressão que se contrapõe à linguagem acadêmica positivista, marcada pela clareza e pelo fecho empírico das questões, o que não raro leva a distorções por simular a neutralidade dos agentes sociais, que na verdade submetem-se à relações de poder.

Num ambiente marcado por esse modelo que enclausura a noção de verdade, tornando-a refém do utilitarismo, qualquer abordagem aberta e reflexiva parece desprovida de lógica:

“Tudo é muito mais simples, dizem. Quem interpreta, em vez de simplesmente registrar e classificar, é estigmatizado como alguém que desorienta a inteligência para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar. Ser um homem com os pés no chão ou com a cabeça nas nuvens, eis a alternativa”⁵⁶.

A redação positivista é clara, objetiva e plena. Sua mensagem é captada facilmente, sem deixar lacunas. Essas características, apresentadas como grandes trunfos, reduzem-na à expressão fraudulenta. Seu resultado não é a descoberta da verdade mas a sua redefinição pauperizada, ela impede a investigação sob o argumento de que tudo já foi investigado. A defesa obsessiva do caráter neutro da ciência é adotada, justamente, por ser o positivismo parte de uma ideologia totalitária ao

⁵⁶ ADORNO, T.W. *Notas de Literatura I*, pp. 17

ponto de buscar confundir-se com a natureza humana. A recusa em se admitir como discurso advém da pretensão em se impor como a própria linguagem.

Os textos frankfurtianos aparecem, portanto, como um cultivo da dúvida em um ambiente de busca obsessiva por certezas absolutas. Apresentam notável valor explicativo pelo fato de basearem-se em um modelo de sociedade dialético, ou seja, visto a partir de suas contradições. Os autores não pretendem afastar-se do público e sim se expressar de uma forma coerente em relação à um mundo que se nega a funcionar segundo o modelo positivista.

Se é certo que os trabalhos frankfurtianos são difíceis, também é certo que justificativas para isso são encontradas em seus pressupostos, marcados pela filiação à tradição filosófica alemã e pela atenção à forma do discurso, que guardaria íntima relação com seu conteúdo. A complexidade da teoria aparece na medida da complexidade da realidade que esta se propõe a explorar.

Elitismo

O apego demonstrado, principalmente por Adorno, pela erudição, atrelado ao rigor das obras e ao suposto desprezo pelo potencial do indivíduo, levaram à construção de uma visão da Escola de Frankfurt como um “Castelo de Cristal”, onde sábios divagariam acerca dos destinos de uma sociedade, recheada de seres imperfeitos vistos de cima. Diz Saviani:

“Observo ainda, que esses teóricos – ao menos é essa a sensação que me passam – encaram o marxismo de um ponto de vista que eu chamaria de intelectualista, quer dizer, uma teoria que, mercê de sua alta elaboração, buscaria explicar, por assim dizer, de fora, os problemas postos pela prática social, política e histórica.”⁵⁷

Acima foi discutido o tema da estrutura do discurso. Quanto à questão da arte séria e popular, é preciso apontar que Adorno e Horkheimer não imputam a essa um caráter maléfico ou supérfluo: “A arte ‘leve’ como tal, a diversão, não é uma forma decadente. Quem a lastima como traição do ideal da expressão pura está alimentando ilusões sobre a sociedade”⁵⁸. A arte popular aparece como expressão coerente para uma massa impedida, social e não biologicamente, de fruir de obras mais sofisticadas.

A crítica recai sobre a reunião forçada, promovida pela indústria cultural, das duas esferas, que acaba por submeter ambas à lógica meramente mercadológica:

“A pureza da arte burguesa, que se hipostasiou como reindo da liberdade em oposição à práxis material, foi obtida desde o início ao preço da exclusão das classes inferiores, mas é à causa destas classes – a verdadeira universalidade – que a arte se mantém fiel exatamente pela liberdade dos fins da falsa universalidade. A arte séria recusou-se àqueles para quem as necessidades e a pressão da vida fizeram da seriedade um escárnio e que têm todos os motivos para ficarem contentes quando podem usar como simples passatempo o tempo que não passam junto às máquinas. A arte leve acompanhou a arte autônomo como uma sombra. Ela é a má consciência social da arte séria. O que

⁵⁷ RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa* pg. 21

⁵⁸ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*, pp 126-127

esta – em virtude dos pressupostos sociais – perdeu em termos de verdade confere àquela a aparência de um direito objetivo. Essa divisão é ela própria a verdade: ela exprime pelo menos a negatividade da cultura formada pela adição de duas esferas.”⁵⁹

A crítica ao jazz não é uma manifestação de preconceito, advém da percepção desse estilo musical como expressão do ritmo perverso presente no capitalismo industrial.

Quanto à questão da autonomia do indivíduo, é preciso considerar evidências concretas de sua fragilidade, em uma sociedade que ostensivamente declara sua realização absoluta. A liberdade formal, consagrada no modelo democrático representativo, dominante no ocidente, permite-nos observar a disposição humana para a submissão. O poder dos meios de comunicação de massa, sempre ligados às elites, torna inegável a idéia da determinação vertical das ações humanas.

Os autores não definem essa situação como eterna, mas apontam para a falsidade do conceito de individualidade imposto. A falsa afirmação da liberdade serve como bloqueio do debate e contribui para a manutenção do indivíduo como títere do sistema. É necessário que o povo tenha real consciência das amarras que os prendem para que desempenhe seu papel histórico. Sendo assim, é possível atribuir a uma visão de mundo coerente e cuidadosa os pontos que são apresentados como resultante de mesquinhez e preconceito.

Negação da história

Segundo a Dialética do Esclarecimento, vivemos em um mundo repressor, orientado pelos interesses de um sistema bem articulado. A partir desse quadro pessimista, alguns críticos apontam para uma capitulação dos frankfurtianos ao sistema, apontado como eterno.

Contudo, o panorama pessimista proposto não incorre necessariamente no fim da história. O que os autores apontam é a grandiosidade da luta e o perigo sempre iminente do adesismo, que ameaça constantemente a validade dos meios tradicionais de resistência.

O que é apresentado não é uma apologia negativa ao sistema e sim a aceitação de que a transformação estrutural da sociedade depende de uma reavaliação radical da prática revolucionária, cuja forma atual já não representa real perigo para o capitalismo, uma vez que se encaixa na lógica da indústria cultural:

“Quem resiste só pode sobreviver integrando-se. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, ele passa a pertencer a ela assim como o participante da reforma agrária ao capitalismo. A rebeldia realista torna-se a marca registrada de quem tem uma nova idéia a trazer à atividade industrial. A esfera pública da sociedade atual não admite nenhuma acusação perceptível em cujo tom os bons entendedores não vislumbrem a proeminência sob cujo signo o revoltado com eles se reconcilia.”⁶⁰

⁵⁹ *Ibid.*, pp. 127

⁶⁰ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*, pp 123-124

O contexto, historicamente construído, não é o destino final da humanidade, porém sua superação exige um esforço que transcende a mera afirmação da sua transitoriedade. Faz-se necessário analisar os mecanismos que garantem a permanência de um sistema que se reinventa para ocultar seu caráter obsoleto.

Desprezo pela prática

A preocupação com a prática ocupa um papel ambíguo na obra adorno-horkheimiana. Por um lado existe a noção de sua importância, o que fica patente na concessão de Adorno aos meios de comunicação de massa, alvo de severas críticas. O filósofo Wolfgang Leo Maar, aponta, ao comentar suas palestras radiofônicas: *“Nesses termos, o registro das gravações dessas conferências e entrevistas livres de adorno e Hellmut Becker constitui uma documentação acerca dos esforços práticos...trabalho de Adorno.”*⁶¹, por outro as armadilhas preparadas pelo sistema fazem com que a ênfase recaia na teoria, como forma de desmonte da ideologia dominante.

Essa postura, vista como contemplativa, gera a crítica de Umberto Eco:

*“Boa parte das formulações pseudomarxistas da escola de Francoforte, por exemplo, manifestam seu parentesco com a ideologia da ‘sagrada família’ baueriana e dos movimentos colaterais. Inclusive a convicção de que o pensador (o ‘crítico’) não poderá e não deverá propor remédios, mas, quando muito, testemunhar sua própria dissensão: ‘A crítica não constitui um partido, não quer ter nenhum partido para si, mas estar só, só enquanto se aprofunda em seu objeto, só, quando a ele se contrapõe. Isola-se de tudo... Todo liame é, para ela, uma cadeia.’ Esse trecho, do caderno VI da ‘Allgemeine Literaturzeitung’, vai encontrar eco na intervenção de Koeppen na ‘Norddeutsche Blaetterne’ de 11 de agosto de 1844 relativa ao problema da censura: A crítica está acima dos afetos e sentimentos, não conhece amor nem ódio por coisa alguma. Por isso não se opõe à censura para lutar contra ela... A crítica não se perde nos fatos e não se pode perder nos fatos: por isso é um contra-senso pretender que ela aniquile a censura com os fatos, e que busque na imprensa a liberdade que lhe pertence’. Não será descabido, portanto, colacionar, ao lado desses trechos, as afirmações de horkheimer, feitas um século depois, em polêmica com uma cultura pragmatista, acusada de desviar e consumir as energias necessárias à reflexão, na formulação de programas ativistas – a que ele opõe um “método de negação”.”*⁶²

Adorno, contudo, observa de forma contundente a essência repressiva oculta na, supostamente libertária, tendência de hipervalorização da prática:

*“Hoje, abusa-se(sic) outra vez da antítese entre teoria e práxis para denunciar a teoria. Quando destroçaram o quarto de um estudante porque ele preferia trabalhar a participar em ações políticas, picharam-lhe a parede: quem se ocupa com teoria, sem agir praticamente, é um traidor do socialismo. E não só com relação a ele transformou-se a práxis em pretexto ideológico para a coação moral. É evidente que o pensamento, ao qual difamam, fadiga inconvenientemente os práticos: ela dá muito trabalho, é demasiado prático. Aquele que pensa, opõe resistência, é mais cômodo seguir a correnteza, ainda que declarando estar contra a correnteza.”*⁶³

⁶¹ MAAR, W. L.(organizador). *Educação e Emancipação*, pp. 8

⁶² ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*, pp.17

⁶³ ADORNO, T.W. *Palavras e Sinais*, pps 207-208

A obsessão pela ação acaba por tornar a resistência inoperante, já que despreza o papel preponderante da teoria em um processo revolucionário. Para Adorno, a reflexão crítica constitui elemento necessário em projetos que visem à superação da atual estrutura social, a recusa da teoria redonda em alienação.

-Reflexão crítica e resistência: a ênfase teórica e a desconfiança dos autores quanto às formas atuais de resistência constroem a idéia de desprezo à prática. A partir do conceito indústria cultural, Adorno e Horkheimer teriam criado uma visão paranóica de mundo que, não obstante a crítica incisiva, resultaria em apoio ao sistema, uma vez que o apresenta como invulnerável. O desenrolar histórico, porém, permite a negação desse caráter paranóico, o crescente domínio do capitalismo sobre as consciências possibilitou um controle cada vez maior sobre a resistência, comumente reduzida a caricatura⁶⁴. A reflexão crítica não é um refúgio que legitimaria uma adesão envergonhada, mas uma tarefa revolucionária, necessária em um contexto sofisticado de dominação cuja a compreensão é requisito para o estabelecimento de uma estratégia para a superação. Não é a prática o alvo de Adorno e Horkheimer e sim o ativismo radical que, ao desconsiderar a teoria, transforma-se em uma luta inconsistente.

-Congresso GPTCE: o esteriótipo do intelectual distanciado do mundo real acompanha o estudioso da Escola de Frankfurt. As longas elaborações, nunca apresentadas de forma linear, fazem os textos frankfurtianos serem confundidos com jogos intelectuais que seriam tão elaborados quanto vazios. Dessa forma, pode-se imaginar que os trabalhos na área concentram-se apenas em elaborações teóricas circulares. Desde a década de 1990, o Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação realiza congressos, primeiramente na UNIMEP e depois em campi de outras universidades. A participação de pesquisadores de todo o país é um índice do interesse que o referencial frankfurtiano suscita. Porém, ainda mais relevante são os temas abordados nos trabalhos, que evidenciam preocupação com a realidade social. Não obstante a presença da essencial discussão da visão teórica, em constante construção, aparecem várias abordagens de questões educacionais pragmáticas como a formação de professores, o uso dos meios audiovisuais e até mesmo a crítica à rede interna de computadores da UNIMEP. É certo que a aplicação concreta da teoria crítica na educação encontra obstáculos, até porque as mudanças necessárias dependem de transformações estruturais na sociedade, porém, é também inegável a formação de uma tendência que busca o estabelecimento de uma prática a partir das idéias adorno-horkheimianas.

⁶⁴ É emblemático o caso de Che Guevara, antes símbolo da luta anticapitalista, cuja imagem foi banalizada e se tornou mais um produto de consumo.

Nazismo

A experiência na ditadura nazista é, explicitamente, uma grande influência na *Dialética do Esclarecimento*. O horror institucionalizado combinado à alta qualidade da educação formal levou os autores a sérias observações acerca da relação direta entre erudição e emancipação do homem.

Essa referência constante leva alguns críticos a atribuir ao trauma de guerra o teor pessimista da obra. Acerca do contexto, que abarca também a frustrante experiência soviética e a não realização das expectativas revolucionárias no ocidente, propõe Habermas:

“A teoria crítica se desenvolveu no círculo em torno de Horkheimer para dar conta, antes de tudo, das decepções políticas com a revolução que não veio no Ocidente, com a evolução stalinista na Rússia e com a vitória do fascismo na Alemanha; devia explicar o fracasso dos prognósticos marxistas, sem romper, no entanto, com as intenções marxistas. Esse contexto permite compreender como pôde consolidar-se, nos anos mais sombrios da Segunda Guerra mundial, a justa impressão de que a última centelha da razão desaparecera dessa realidade, deixando desesperadamente para trás as ruínas de uma civilização em decomposição. A idéia de uma história natural, que o jovem Adorno tomara de Benjamin, parecia ter se realizado de um modo imprevisível. No instante de sua máxima aceleração, a história empalidecera, petrificada em natureza, transformada no calvário de uma esperança que se tornara irreconhecível.”⁶⁵

Porém, a relação estabelecida apresenta validade por usar o momento específico como maneira de interpretar a nova realidade e serve como base para a compreensão do potencial humano para a barbárie. Na palestra *Educação após Auschwitz*, Adorno cita o campo de concentração como símbolo da crueldade humana em geral. O nazismo é uma lembrança necessária para a reflexão acerca da humanidade e seu sentido transcende o momento concreto de sua realização.

O crescimento do eleitorado fascista na Europa e o autoritarismo xenófobo observado na política externa norte-americana são indícios de que Hitler está morto, mas suas idéias permanecem como ameaça potencial, o discurso da intolerância ainda encontra eco em uma sociedade sequiosa por respostas simples para suas contradições complexas.

A experiência concreta, ao contrário de contaminar as análises adorno-horkheimianas, confere a elas legitimidade, uma vez que os torna testemunhas oculares de um processo percebido como central.

⁶⁵ HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*, pps 166-167

Conclusão

Validade da crítica

Imaginar a “indústria cultural” como um conceito válido por si, que não se modifica historicamente significaria negar sua gênese crítica. A permanência das idéias frankfurtianas está atrelada ao entendimento das mudanças históricas, bem como à evolução na compreensão do conceito no pensamento. Seu valor se revela e renova nos trabalhos dos comentaristas.

Sendo assim, as críticas aqui apresentadas são de grande valor. Por um lado sinalizam para caminhos que não poderiam ter sido trilhados na época. Por outro são considerações necessárias, críticas que, por sua difusão e pertinência, tornam a resposta um exercício imprescindível.

Concordando-se ou não com os comentaristas, é inegável o valor dos textos como forma de repensar a teoria crítica. Um pensamento poderoso como o frankfurtiano não poderia deixar de suscitar contrapontos, que devem ser analisados não como ataques destrutivos e sim como forma de aproximação com a teoria e com a realidade que pretende explicar.

Aquele que rejeita sistematicamente a crítica, que procura invalidar as correntes científicas que não a sua, nega a busca do conhecimento. A firmeza de idéias, mais do que necessária, não deve ser confundida com um entendimento da ciência como religião. Nossa compreensão de mundo é essencialmente incompleta, numa discussão se nossa visão é correta, sairá vencedora, se não, é proveitoso que nosso erro redunde em uma reflexão profunda. Aquele que perde a capacidade de mudar, que nega-se a colocar seus valores em xeque, renuncia à rica experiência da investigação, perde a característica talvez mais interessante do homem, de certa forma torna-se um morto-vivo.

Os críticos são, na verdade, grandes colaboradores. A partir deles a obra ganha sobrevida e também a possibilidade de se tornar maior, uma vez que seu conteúdo, analisado em suas limitações, pode ganhar nova conotação. A mais agressiva e destrutiva das críticas ainda é indício de que uma obra suscita reflexões. O entendimento da discussão como entrave, e não estímulo, leva à uma produção científica que nega o prazer pelo conhecimento e o respeito pela verdade como elementos primordiais. É uma concepção que coloca a vitória e não o entendimento como motivação.

A possibilidade de uma conduta científica proveitosa reside no difícil equilíbrio entre o estabelecimento de uma visão de mundo que fundamenta a pesquisa, sem o qual essa recairia em relativismo infrutífero, e a abertura para a novidade, que evita que a teoria se petrifique, tornando-se dogma. Em suma, as críticas não devem ser aceitas passivamente nem rechaçadas a priori e sim ser alvo de uma análise que tenha como objetivo o progresso de nossa compreensão.

Os frankfurtianos são realmente apocalípticos?

Umberto Eco caracteriza os frankfurtianos como profetas da desgraça. O termo apocalípticos, porém, é ainda mais interessante para nosso trabalho. Em uma acepção por vezes transcendente à intenção do italiano, o termo pode servir como melhor síntese das críticas dirigidas a Adorno e Horkheimer.

A desesperança tatuada no rótulo econiano pode servir como centro da crítica ao elitismo (distanciamento), que redundaria em uma desesperança naturalizada na teoria crítica. É como se a Escola de Frankfurt estivesse situada em uma alta montanha e que seus membros, apesar de lamentarem o dilúvio, observam passivamente a obra de um Noé fadado ao fracasso, ao invés de investirem esforços numa solução possível.

É preciso refletir sobre isso. É indubitável que na *Dialética do Esclarecimento* está expressa uma concepção profundamente pessimista de mundo. Os interesses do capital haveriam se mesclado aos da cultura massificada criando um mecanismo que não precisa mais da força física para manter o sistema opressor. O imenso poder da classe dominante permite constante vantagem dessa sobre os movimentos subversivos que são eliminados, diluídos ou cooptados segundo os interesses da elite. A individualidade é esmagada pelo poder da ideologia que emula sua realização.

Faz-se necessário considerar algumas coisas. Em primeiro lugar, as proposições frankfurtianas são relacionadas, por vezes, ao trauma nazista, por outras a um desejo dos teóricos na confirmação de suas idéias. Em ambos os casos seriam delírios circunstanciais e não análise relevante da realidade.

A observação do mundo contemporâneo, contudo, permite o contato com situações coerentes com as reflexões adorno-horkheimianas. O caráter verticalizado da produção cultural massificada pode ser verificado na permanência do jabá. A exigência da pseudo-indivuação, através da qual o homem aceita a dissolução na totalidade para receber um simulacro de autonomia ligado ao consumo dos produtos da indústria cultural, é naturalizada nos comerciais de TV. O tecnicismo, como forma de submissão da verdade à seus aspectos empiricamente apreensíveis, é cada vez mais presente, a restrição da validade científica ao estatisticamente apreensível é aceita crescentemente na academia, marcada cada vez mais pelo paradigma da eficiência.

Dessa forma, a reflexão acerca do caráter dialético do esclarecimento aparece como importante contraponto a um ideal que se torna hegemônico, valendo-se para isso da não problematização de seus evidentes aspectos contraditórios (Bomba atômica, devastação ambiental, sociedade vigiada). Mesmo se ressaltarmos as imprecisões da teoria crítica, é impossível negar a

pertinência de seu estudo na compreensão de nossa realidade. A permanência das questões levantadas e a sua concretude desmontam a desqualificação feita. Mais do que traumatizados pela guerra, mais do que promotores do caos, Adorno e Horkheimer são visionários, que com suas teorias nos ajudam a desvendar uma realidade complexa e sombria.

Em segundo lugar, é preciso repensar a relação entre a teoria crítica e a prática. Uma postura crítica encerra em si o desejo de mudança. Segundo os opositores, os frankfurtianos apresentam apenas uma leitura contemplativa, a acidez da contestação não apresenta potencial revolucionário por propor a situação deletéria como incontornável. Os comentaristas parecem desprezar ou ignorar a existência de uma discussão prática nas obras da Escola de Frankfurt. Essa se dá nas obras acerca da educação, que ao se realizarem na rádio, demonstram a aceitação de Adorno no uso estratégico de um meio da indústria cultural e também na proposição da importância da reflexão crítica como resistência em um ambiente desfavorável.

Essas expressões podem ser consideradas insuficientes ou até como elegante covardia, porém evidenciam a preocupação com a transformação concreta. O apontamento da capacidade de cooptação do sistema e da fragilidade dos movimentos contestatórios são de grande utilidade para a reflexão acerca da ação revolucionária. A Escola de Frankfurt não foi um movimento ligado visceralmente à militância política, porém seu caráter desconfiado em relação à prática não significa desprezo e sim honestidade intelectual, participar de uma militância apenas por que se acha necessário agir não é valorizar a ação revolucionária e sim banaliza-la.

A exortação ao pensamento crítico pode ser considerado como forma dissimulada de propor-se a passividade, via contemplação academicista, porém, vários movimentos contestatórios foram englobados pelo sistema, o que legitima a reflexão como importante para a construção da prática legitimamente revolucionária. A ação não ocupa na Escola de Frankfurt o papel central que em outras proposições críticas, porém, não é lícito atribuir a essa uma posição alheia à prática, a teoria crítica não despreza a meta da superação do sistema, porém não enxerga sua possibilidade momentânea e por isso parte para a análise teórica profunda, que tem como objetivo o subsídio para práticas verdadeiramente subversivas.

A apresentação de uma visão de mundo profundamente crítica e a desconfiança quanto às formas de resistência adotadas é tratada como defeito pelos opositores da teoria crítica. Porém, é possível entendê-las como grandes qualidades das elaborações adorno-horkheimianas.

O pessimismo quanto ao potencial emancipatório de nossa sociedade se confirma no consumo diário dos produtos da indústria cultural, que são abertamente humanizados nas propagandas de

TV⁶⁶, no paradoxo do crescimento econômico convivendo com a miséria e na mercantilização do homem, que cada dia vale mais segundo suas posses.

A desconfiança em relação as formas de resistências também se confirma pela capacidade de cooptação do sistema, que consegue transformar em ícone consumista até mesmo a figura do revolucionário Che Guevara. As visões adorno-horkheimianas não são fruto de um desejo oculto ou da busca pelo alívio de consciência e sim uma leitura séria e pertinente. Na verdade, as elaborações contidas na *Dialética do Esclarecimento* guardam em si o otimismo por desvendar mecanismos antes invisíveis, possibilitando assim o estabelecimento da luta em termos mais próximos da realidade.

Dogmatismo

A crítica ao positivismo expressa no início da *Dialética do Esclarecimento*, refere-se ao fato daquele colocar-se como oposição ao dogmatismo religioso de forma tão enfática e pretensiosa que acaba por sucumbir à sedução de tornar-se tão dogmático quanto, sendo continuidade e não desconstrução da antiga estrutura.

A negatividade atribuída à indústria cultural nas obras da Escola de Frankfurt, que pode levar à conclusão extrema de que o sistema só será superado por um processo externo ao todo social, marcaria, para Eco por exemplo, a recaída da teoria crítica nesse mesmo engano: “*O próprio Adorno, por seu lado, terminava os seus Mínima Moralia encarando a filosofia como a tentativa de considerar todas as coisas do ponto de vista da redenção, revelando o mundo nas suas fraturas, como surgirá um dia à luz messiânica.*”⁶⁷. A busca pela verdade seria obstaculizada por se referenciar em uma concepção filosófica que a submete.

É evidente o grande poder atribuído ao sistema na *Dialética do Esclarecimento*, porém, é necessário que investiguemos melhor a idéia de que isso torna o pensamento dogmático.

Em primeiro lugar, é preciso lembrar, como fez Eco, da necessidade do estabelecimento de referências e conceitos nas ciências humanas. Nenhuma teoria dará conta de todas as explicações, para cumprir sua função de jogar luz ao assunto por um determinado ângulo um pensamento deve-se valer de algumas absolutizações, válidas como aproximação para sua lógica. A percepção do enorme poder da indústria cultural serve para ressaltar o estado de seqüestro de consciências vivido atualmente e a complexidade dos mecanismos ideológicos e não como estabelecimento da naturalidade desse poder.

⁶⁶ A propaganda da concessionária de automóveis relaciona os mecânicos aos médicos, para lembrar que apenas “doutores” devem lidar com o carro do espectador.

⁶⁷ ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*, pp. 18

Também é notável que, não obstante a violência da crítica, os meios de cultura de massa são utilizados por Adorno, que realizou diversas palestras radiofônicas. Apesar de não compartilhar do otimismo benjaminiano em relação à tecnologia, Adorno percebe a necessidade de ocupar os espaços na mídia.

Existem nas obras de Adorno referências quanto às possibilidades emancipatórias dos meios de comunicação de massa. A luta, desigual por ser mediada por relações de poder, existe e o autor vê, sem grande entusiasmo, é fato, possibilidades de brecha para ações libertárias.

Os autores da *Dialética do Esclarecimento* não apresentam uma postura meramente negativa em relação ao contexto marcado pela influência da indústria cultural. Na reflexão crítica, contudo, concentram-se, para eles, as possibilidades para a transformação estrutural da sociedade. Seu exercício não significa a captulação ao poder do sistema e sim um esforço para a definição de uma ação revolucionária pertinente.

Educação

O confronto entre as elaborações adorno-horkheimianas e suas críticas redundam em uma discussão acerca de projetos educativos. Ao aceitar a idéia de que a tecnologia é algo em si, sem relação com o sistema, admitimos a sua eficiência como uma forma de libertação do homem. Já, em Adorno, aparece o enlaçamento entre o tecnicismo e a barbárie, o que leva a idéia de que a educação só será benéfica quando, superada a falácia positivista, priorizar o combate à crueldade.

A partir desse ponto de partida opera-se o desmonte do paradigma dominante na atualidade. A eficiência, tida como único parâmetro de avaliação da escola, passa a ser avaliada a partir de suas conseqüências. Os avanços científicos são avaliados a partir do contexto histórico. Nega-se o caráter neutro do processo formativo, que deve ser entendido a partir de suas contradições. A propalada liberdade do indivíduo nas democracias é denunciado como forma de se ocultar o triunfo da repressão.

Palavras Finais

Algumas críticas sempre aparecerão quando for discutido o pensamento adorno-horkheimiano. Seu viés intelectualizado e pessimista parece contrastar com a postura de esquerda, que traz consigo a idéia de ação para a superação do presente. A visão das agudas contradições sociais gera um ímpeto prático, que pode levar à compreensão de que todo aquele que não compartilha de seu sentimento imediatista é um reacionário.

Essa concepção, disseminada no meio acadêmico, desqualifica a teoria crítica, uma vez que essa seria mero delírio intelectual que aplaca a dor na consciência de uma elite que, paradoxalmente, contribui para a manutenção do sistema que ataca formalmente.

Sendo assim, ficaria comprometido todo o trabalho de Adorno e Horkheimer. A *Dialética do Esclarecimento* se tornaria subproduto intelectualóide de um contexto traumaticamente peculiar. A curiosa fusão da tradição marxista com o elitismo acadêmico levaria a um labirinto conceitual que redundaria no ataque impiedoso de um sistema que não se pretenderia superar. O apocalipse previsto seria fruto do desejo dos autores, ciosos por confirmar sua teoria à revelia da realidade.

Não se trata, portanto, de ressalvas pontuais e sim de ataques frontais. Mesmo quando se absolve os autores, títeres da história, ou se releva algum valor as suas teses, acidentes em uma elaboração equivocada na essência, o que se revela é a idéia de que as proposições adorno-horkheimianas não devem ser levadas a sério.

O que se percebe, contudo, é a omissão de trechos essenciais das obras dos autores. Nos textos, que apontam a distância entre as elaborações frankfurtianas e a prática, não são analisadas as incursões de Adorno no rádio, bem como é tratada de forma rasa a questão do ativismo político, que não foi desprezada pela corrente e sim alvo de uma análise atenta, e por vezes implacável. Percebe-se também o esforço em transformar a rica experiência no fascismo como um elemento desqualificante dos autores, vítimas do trauma, e por conseguinte de suas elaborações.

O pessimismo das obras de Adorno e Horkheimer pode ser entendido como forma de quebrar uma visão ingênua, geradora de um adesismo inconsciente. O tom sombrio da *Dialética do Esclarecimento* serve como lembrança da complexidade do capitalismo que, não obstante suas contradições, mantém-se dominante, transformando-se constantemente para manter tudo igual. É revolucionário, na medida que procura desvendar, além das aparências, o sistema, cuja superação é o grande objetivo.

A pertinência da dura visão de mundo dos frankfurtianos é perceptível na realidade concreta. A disseminação vertical das obras de arte, a incorporação da cultura pelo capital e a pseudo-individualização são elementos cada vez mais presentes na sociedade. Longe de propor a canonização dos autores, vejo como pertinente a valorização de suas obras como visionárias e legítimas e não como desesperadas abstrações.

É inegável a desconfiança adorno-horkheimiana em relação à realidade da militância revolucionária. Isso não redundava, necessariamente, no desprezo da prática. A preocupação aparece esparsamente nos textos, revelando sempre a necessidade da reflexão crítica para sua efetivação como verdade revolucionária. A capacidade do sistema de cooptar até aquilo que parece seu contrário, demonstra a pertinência dessa desconfiança.

O viés intelectualizado da produção frankfurtiana é alvo de duros e constantes ataques. Seria prova do distanciamento da realidade, do descompromisso com a revolução e do desprezo para com a capacidade do povo.

É preciso ressaltar que existe espaço para a reflexão intelectual legítima. Muito se escreveu sobre a sociedade e envolve-la intelectualmente continua sendo instrumento útil, não suficiente, para a exploração de seu sentido. A negação da teoria leva ao empobrecimento da ação, que deve influir e ser influenciada por aquela em um círculo virtuoso.

Sobre a predominância da reflexão na Escola de Frankfurt, essa não advém do espírito academicista e sim da percepção de que a prática permitida é aquela instituída pelo sistema. O momento é de compreensão do mundo, afim de que se construa uma práxis que quebre a lógica hegemônica.

Essa idéia pode parecer como uma forma de adesão disfarçada ao sistema. A postura contemplativa não ameaçaria, mas apoiaria, o capitalismo, uma vez que direcionaria a indignação para uma atividade inócua. O desenvolvimento concreto dos movimentos contestatórios, marcado por derrotas e pela cooptação, revela a importância do pensamento acerca do caráter adquirido por esses movimentos.

A idéia de que o indivíduo está sufocado pelo sistema, que o obriga a aceitar a submissão mascarada pela pseudo-autonomia seria, para alguns, indicador de desprezo pelo potencial do homem comum.

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que Adorno não culpa o homem pelo seu estado de entrega. Bem como não atribui um caráter nocivo à arte leve, o pensador vê o seqüestro de consciências por parte de um sistema cada vez mais equipado para o exercício da hegemonia. Não é o indivíduo que se entrega e sim o sistema que se sofisticava, não lhe permitindo a fuga.

Também, deve-se dizer, o poder da indústria cultural sobre o indivíduo não é uma proposição definitiva nem absoluta:

“Os interesses reais do indivíduos ainda são suficientemente fortes para, dentro de certos limites, resistir à apreensão total. Isto coincidiria com um prognóstico social, segundo o qual, uma sociedade, cujas contradições fundamentais permanecem inalteradas, também não poderia ser totalmente integrada pela consciência. A coisa não funciona assim tão sem dificuldades, e menos no tempo livre, que, sem dúvida, envolve as pessoas, mas, segundo seu próprio conceito, não pode envolvê-las completamente sem que isso fosse demasiado para elas. Renuncio a esboçar as conseqüências disso; penso, porém, que se vislumbra aí uma chance de emancipação que poderia, enfim, contribuir algum dia com sua parte para que o tempo livre se transforme em liberdade”⁶⁸.

Por hegemônica que se apresente, ela é uma realidade contextual. É uma situação de difícil superação, mas não eterna. A simples afirmação de que estaríamos a um passo da superação do sistema é agradável mas não leva à sua realização. Ao apontarem a força do sistema, os autores

⁶⁸ADORNO, T. W. Tempo Livre in *Palavras e Sinais*, pp 81-82

criam uma teoria que parece derrotista, mas que, na verdade, ajuda no estabelecimento de uma prática revolucionária coerente com a dimensão da tarefa.

As idéias expressas na *Dialética do Esclarecimento* são sofisticadas mas não intelectualóides, são duras mas não derrotistas, são complexas mas não pernósticas, são desconfiadas mas não adesistas, são extremas mas não alucinadas. Constituem um quadro, por vezes muito feio, mas que expressa de forma contundente a realidade contextual marcada pelo signo da contradição.

As restrições apresentadas pelos comentaristas apresentam um potencial positivo por serem estímulos à reflexão, sempre pertinente. Porém, falham em seus projetos de construção de críticas desqualificantes à teoria adorno-horkheimiana. Essa, longe de ser delírio pessimista ou intelectualismo reacionário, é a apresentação de uma visão de mundo que permanece como chave interpretativa em nossos dias.

Capítulo 3: Semiformação e educação pela dureza

1. O conceito de semiformação e a educação pela dureza

1.1. A semiformação como elemento subjetivo da indústria cultural

Adorno, em seu texto, teoria da semiformação, formula esse conceito, de extrema importância para nossas reflexões. Sendo assim apresentamos abaixo um resumo dessa obra, que servirá de base para as discussões presentes nesse capítulo:

A questão da crise da formação cultural não pode ser observada apenas pela ótica particular da pedagogia e nem tampouco pela geral da sociologia. Nem deve ser analisada pelas necessárias mudanças no sistema educacional nem pela visão sociológica. É necessário através da análise conjunta dos fatores sociais e educacionais entender *“como se sedimenta - e não apenas na Alemanha - uma espécie de espírito objetivo negativo.”*⁶⁹ A formação cultural converteu-se numa semiformação orientada pela lógica alienante do mercado, tudo fica contido por limites impostos pela socialização. As pessoas, que renunciaram à própria autonomia, aceitam o que lhes é imposto como formação. *“Apesar de toda a ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente.”*⁷⁰

Segundo o autor não se pode sacralizar a idéia de cultura, o que reforçaria seu potencial semiformativo. A formação é a cultura vista sob o prisma de sua apropriação objetiva. A cultura deve ser vista como algo mediado socialmente: *“A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação.”*⁷¹

A educação para a mera adaptação, apesar de sua utilidade, subverte o processo educativo, pois esse apresenta dois momentos, a saber: justamente a pressão adaptativa e o resguardo do individual. A eliminação da tensão entre esses dois momentos leva a um processo engessado, refém de seu aspecto conformista.

Esse aspecto duplo da cultura advém da conciliação não realizada entre o particular e o universal. A adaptação forçada à sociedade, imposta como benéfica ao indivíduo, acaba por permitir o retorno das pulsões humanas naturais. A busca pela conciliação leva à sua simulação, finge-se que a conciliação foi atingida quando o que existe é um sistema extremamente repressivo.

⁶⁹ Teoria da semiformação, página 9

⁷⁰ Idem, ibidem

⁷¹ Idem, página 10

A formação acaba por se tornar também um fetiche. Ela deveria realizar a promessa burguesa de liberdade e consciência dos indivíduos. A formação que deveria levar o homem a lucidez acaba por se tornar uma busca pela aparência de lucidez em um indivíduo cuja consciência foi tomada pela lógica dominante na sociedade. A formação humana é transformada em uma preparação de mão-de-obra, eficiente e conformada, para o sistema. O utilitarismo hegemônico serve como argumento em prol desse tipo de educação hoje verificada.

A formação não teve o sucesso pensado pela burguesia. Na época da superação do feudalismo, a formação superior era característica dos burgueses. Após tomarem o poder, os burgueses guardaram para si os bens culturais. Os proletários reivindicaram um novo papel a partir de sua posição econômica, não cultural. A idéia de educação popular advém do equívoco que é acreditar que a mera formação cultural seria suficiente para mudar a situação dos operários.

A contradição entre formação cultural e sociedade não leva apenas à incultura. No campo, grassa a semicultura, o que deve-se em grande medida à TV. A burguesia, que promoveu a formação, hoje promove a semiformação. Algum tipo de formação permanece viva nesse contexto semiformativo.

Ao contrário dos burgueses, os operários viviam em total marginalidade no momento de seu surgimento enquanto classe. Apesar de continuarem marginalizados economicamente sua condição foi alterada ideologicamente, em outras palavras, hoje a burguesia quer dar a impressão de reconhecimento às classes subalternas. Uma prova disso é o constante incremento de conteúdos culturais oferecidos aos operários. Porém, esse oferecimento não pode se realizar enquanto formação real por se restringir a conteúdos fragmentados com intenção utilitarista. O que refere-se à verdadeira formação, inclusive a crítica, é negado pela semiformação hegemônica no capitalismo.

Os estudos teóricos não coincidem totalmente com os dados estatísticos. As duas abordagens referem-se a formas diferentes de se relacionar com o saber. Existe algo de especulativo na ciência. A idéia de semicultura é algo de difícil abordagem empírica, ela não existe para uma ciência que já caiu nas garras da lógica semiformativa. A formação tradicional, que apresenta deficiências, é a antítese possível à semiformação: *“O que agora se denuncia no domínio da formação cultural não se pode ler em nenhum outro lugar a não ser em sua antiga figura, que, como sempre, também é ideológica. Potencialmente foram cortados os petrificados recursos com que o espírito podia escapar da formação cultural tradicional e ultrapassa-la.”*⁷² Não é por saudosismo que Adorno recorre à formação anterior, mas por essa ser a referência possível.

Na semiformação os conteúdos tradicionais permanecem, porém, reduzidos ao caráter de mercadorias e por isso descaracterizados. A indústria cultural ao assumir o papel de cultura reduz

⁷² Teoria da semiformação, páginas 18-19

a formação à condição de semiformação. Mais do que a real ilustração o que busca-se hoje é a ilusão de erudição. A semiformação assenta-se na promessa burguesa de autonomia, promessa que é negada pela natureza do processo formativo na sociedade capitalista. O que pretende-se é construir, com uma força descomunal, a ilusão de que pode-se atingir a liberdade, esse esforço visa objetar a luta por essa liberdade. A formação supõe a liberdade, mas no capitalismo ela parte de um modelo exterior ao homem, ou seja desconsidera sua autonomia.: *“Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir”*⁷³

*“Os ideais são um conglomerado de noções ideológicas que se interpõe entre os sujeitos e a realidade, e a filtram.”*⁷⁴ A ideologia portanto é algo entranhado que não pode ser simplesmente negada pela razão, a semiformação acaba dando solidez a esse arcabouço ideológico. A ignorância permitia uma relação direta com os objetos algo que já não é possível ao semiculto cujas noções tem sempre de passar pelo crivo ideológico. Aos ignorantes era possível a formação de uma consciência crítica o que é negado ao semiculto. No período préburgues a formação advinha da autoridade como a formação do ego deriva do contato com a autoridade paterna. Na ânsia de contraposição ao sadismo as reformas educacionais eliminaram o aprofundamento espiritual que verificava-se na educação tradicional. Adorno faz referência um tanto elogiosa ao método mnemônico aplicado ao estudo da poesia, esse elogio deve-se ao fato do método antigo ter sido substituído por algo pior. Tudo submete-se ao utilitarismo o que impede o estudo descompromissado que é necessário à verdadeira formação: *“O que é exclusivamente espiritual, e que a outra coisa não pode servir diretamente, não pode ser medido apenas por sua finalidade...A queda irrevogável da metafísica esmagou a formação. Não se trata de um estado de coisas isolado da história do espírito, que é também social.”*⁷⁵ A formação espontânea não resiste ao crivo das avaliações

A mitologia antiga é negada pela nova lógica burguesa que, no entanto, torna-se em si uma nova mitologia. A modelação da vida torna-se um processo hegemônico não permitindo mais a reflexão sobre a existência e, portanto, confere à vida a condição mítica. Os conteúdos semiformativos, elevados à condição de verdades absolutas, compõe a nova mitologia. Um exemplo é a apresentação mitificada do velho oeste norteamericano. *“A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional.”*⁷⁶

⁷³ Teoria da semiformação, página 21

⁷⁴ Idem, ibidem

⁷⁵ Idem, página 23

⁷⁶ Idem, página 25

“A perene sociedade do status absorve os restos da formação e os transforma em símbolos daquele”⁷⁷ Quer dizer, a formação vale apenas como prova de erudição, algo que pode ser relacionada a questão da ditadura do currículo Lattes, observada na academia brasileira atualmente. “A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria.”⁷⁸ Quer dizer, a semiformação é o modo que a formação adquire quando a única coisa que importa são os números. A lietratura perde o espaço para a ciência positiva o que acaba por atrofiar o espírito humano, a cultura deve submeter-se totalmente ao lucro. A verdade é contextual e pode esvair-se.

“Na verdade, o progresso evidente, a elevação geral do nível de vida com o desenvolvimento das forças produtivas materiais, não se manifesta nas coisas espirituais com efeito benéfico.”⁷⁹ A economia se desenvolve mais rápido que as outras esferas o que atrofia o espírito. “A semiformação se assenta parasitariamente no cultural lag”⁸⁰ Quer dizer, a semiformação assenta-se na satisfação das demandas do mercado: formação técnica sem crítica, isso ocorre por causa das pressões decorrentes do constante avanço econômico. A exigência do indivíduo por uma boa formação é satisfeita pelo oferecimento de conteúdos semiformativos. O exemplo disso são os livros que simplificam assuntos complexos como que oferecendo um atalho legítimo para a formação.

Pode ser considerado reacionário quem vê com ressalvas as tentativas de expansão cultural. Quem defende o rigor dos textos clássicos é considerado como alguém ligado a um tipo arcaico de educação. “O entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal”⁸¹ Quando algo é mal assimilado tende a se tornar algo essencialmente diferente do que pretendia ser. A filosofia mal compreendida pode levar o aluno a negar a filosofia como um todo. Um exemplo do mal uso do saber é o uso de frases descontextualizados. A formação necessita de pressupostos, de estudo, não existe gênio capaz de formular teorias do nada, como se propõe ideologicamente no capitalismo.

Adorno cita, nesse momento, o caso de o livro *Great symphonies*, de Sigmund Speath. Nessa obra o autor coloca letras nas músicas clássicas mais conhecidas com o objetivo de permitir as pessoas memorizarem as melodias e identificarem-nas através de dicas.

Esse recurso não apenas permite uma assimilação alienada das músicas como impedirá uma absorção legítima futuramente. A semiformação cria a ilusão de erudição ao mesmo tempo que impede que essa erudição seja alcançada algum dia.

⁷⁷ Idem, ibidem

⁷⁸ Idem, ibidem

⁷⁹ Teoria da semiformação, páginas 26-27

⁸⁰ Idem, página 27

⁸¹ Idem, página 29

A valorização do processo formativo danificado é dado subjetivamente. Ocorre um círculo vicioso em que a academia se autocertifica, não havendo espírito crítico essa certificação invalida-se. O narcisismo coletivo a que refere-se Adorno pode ser relacionado ao espírito reinante na academia brasileira atualmente. Ocorre a fetichização da formação, que confere a condição de erudito a quem frequenta escolas tidas como centros de excelência.

*“O semiculto se dedica à conservação de si mesmo sem si mesmo”*⁸² A ilusão de autonomia não sobrevive a um contato real com a liberdade. A experiência é substituída por informações pontuais, é a vida expressa apenas em termos utilitários. *“O conceito fica substituído pela subsunção imperativa a quaisquer clichês já prontos, subtraídos à correção dialética, que revela todo seu destrutivo poder nos sistemas totalitários.”*⁸³ O semiculto ressentido-se com qualquer aparecimento da cultura real, acusando seu agente de esnobe. *“Sob a superfície do conformismo vigente, é inconfundível o potencial destrutivo da semiformação. Ao mesmo tempo que se apossa fetichisticamente dos bens culturais, está sempre na iminência de destruí-los.”*⁸⁴

O semiculto tem uma relação prejudicada com a realidade. Ao invés de entender a realidade ele apenas compensa o medo sentido em relação ao desconhecido, ao manejar os conteúdos que lhe são oferecidos o semiculto tem a segurança para lidar com a realidade. A sociedade é apresentada como imutável num processo de profecia autorrealizável: se a sociedade não pode mudar não se deve pensar na mudança, se não se pensa na mudança a sociedade não pode mudar. A alienação em relação à sociedade acaba por danificar a relação do indivíduo com a sociedade. Forja-se uma falsa experiência. O semiformado busca naturalizar o contexto para que esse torne-se refratário às críticas.

A semicultura não pode ser eliminada isoladamente e, por outro lado, ela é uma arma para não permitir a transformação social. O intelectual crítico não pode abandonar a luta sob a pena de estar ele mesmo beneficiando aquele que condena. *“Contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu.”*⁸⁵

A partir da leitura desse texto podemos chegar a algumas conclusões

1. A questão do modelo que tomou a formação cultural não pode ser respondida nem pelo estudo isolado da educação nem por considerações sociológicas generalizantes. Ou seja, a educação

⁸² Idem, página 33

⁸³ Teoria da semiformação, página 34

⁸⁴ Idem, ibidem

⁸⁵ PáginIdem, página 39

deve ser visto por um duplo prisma , é resultado de uma interação entre as especificidades escolares e o conjunto da sociedade.

2. A cultura não pode ser vista como sagrada, ela é fruto da existência humana. Ela não é uma dádiva dos céus mas uma construção social.
3. A formação cultural não pode ser vista isolada da sociedade. Não existe processo formativo sem a sua inclusão em um contexto maior.
4. Duplo aspecto da formação: conformação à sociedade e resguardo da individualidade. É evidente que a educação é um processo que transforma as pessoas, mas não parte-se de uma tabula rasa e sim de um indivíduo que deve manter sua independência em relação ao todo social.
5. Origem do duplo aspecto: conciliação não realizada entre o particular e o geral. Os dois momentos da educação (adaptação e manutenção da individualidade) deve-se à impossibilidade de conciliação entre o particular e o universal.
6. A promessa de igualdade, liberdade e consciência burguesa é meramente ideológica. A desigualdade econômica impede que essa promessa se concretize. A promessa serve apenas como argumento em prol da justiça da democracia burguesa.
7. O homem acredita ser livre e consciente quando na verdade renunciou a liberdade e a consciência em prol da sociedade. Essa lhe permite, em troca, a impressão de ser agente de sua própria história.
8. A burguesia ilude o operário com promessas de igualdade. Essa igualdade não pode ocorrer pela natureza das relações econômicas no capitalismo. A defesa enfática ao direito de propriedade, base do capitalismo, impede a atuação autônoma dos homens, que está submetida a relações de força.
9. A semiformação capitalista não é apenas diferente mas inimiga mortal da verdadeira formação. A segunda leva em conta a formação da consciência crítica enquanto a primeira é essencialmente conformista.
10. A semiformação é a formação sob a égide da indústria cultural. O adesismo obrigatório e a capacidade de formação técnica fazem da semiformação o modelo para a educação na indústria cultural.
11. A semiformação elimina a possibilidade de formação de uma consciência crítica. Uma vez que o mundo já estaria desvendado não existiria sentido na realização de críticas ao sistema capitalista.
12. Tudo submete-se ao utilitarismo o que impede o estudo descompromissado que é necessário à verdadeira formação. Tudo que não pode ser medido é desprezado, o aluno não pode ser pensante e sim um técnico.

13. A racionalidade da semiformação é por si só irracional: não faz sentido em declarar que tudo pode ser reduzido a fórmulas matemáticas. Existem aspectos na nossa realidade social que não podem ser reduzidos à equações matemáticas.
14. A semiformação assenta-se no atraso cultural: o desenvolvimento econômico obriga aos homens o constante apressadíssimo técnico sem o devido aprimoramento da reflexão crítica. A semiformação promove justamente a sofisticação técnica sem nenhuma contrapartida crítica.
15. *“O entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal”* Quer dizer, a aceitação da verdade limitada dos conteúdos semiformativos como a verdade absoluta resulta numa atitude refratária em relação à verdadeira formação.
16. O narcisismo coletivo a que refere-se Adorno pode ser relacionado ao espírito reinante na academia brasileira pós-currículo Lattes. Ocorre a fetichização da formação, que confere a condição de erudito a quem frequenta escolas tidas como centros de excelência, o que pode ser relacionado ao caso de pessoas com “boa formação”, que deveriam ter seus crimes bárbaros abrandados por serem “pessoas de bens” como no caso paradigmático dos sádicos brasileiros que queimaram um índio.
17. Na semiformação está presente a redução da verdade a seus aspectos instrumentais.
18. O ressentimento com relação à cultura, que seria o refúgio de esnobes, é uma característica da semicultura.

Em suma, a semiformação é no que se reduz a educação sob o domínio da Indústria Cultural. Uma formação verdadeira, centrada em todos os aspectos da vida humana é negada por uma abordagem utilitarista acerca do processo educativo. A redução da idéia de verdade ao que pode ser estatisticamente provado leva ao tratamento do indivíduo apenas pelo seu aspecto profissional.

É importante ressaltar que a semiformação não é um meio caminho para a verdadeira formação. Poderia se pensar nela como uma abordagem incompleta que, porém, resolve parte das questões educacionais e apenas deve ser aprimorada para atingir todos os objetivos formativos.

Isso não ocorre. Ao se abandonar as dimensões que não se ligam diretamente ao mundo do trabalho a semiformação leva à um indivíduo que acredita-se completo e autônomo quando é na verdade parcial e absolutamente dependente do sistema. O homem acaba por acreditar que o pragmatismo profissional é a única postura legítima o que acaba por fazê-lo rejeitar as outras dimensões com conseqüências que serão discutidas nos próximos itens.

1.2 A atualidade do conceito *Indústria Cultural*

Já falamos nos capítulos anteriores sobre a pertinência do conceito Indústria Cultural. Retomamos agora essa discussão afim de refletir sobre a validade do conceito nos dias atuais. Essa discussão é importante, na medida que a educação pela dureza, como elemento da semiformação, está ligada às metodologias coerentes com o espírito da própria Indústria Cultural.

Abaixo colocaremos alguns pontos que corroboram a idéia de que a Indústria Cultural é um conceito válido no presente:

- **Imposição vertical do gosto:** o termo indústria cultural evidencia a idéia de determinação da audiência pelo sistema. A massa não é ativa e sim passiva na produção artística. O que aparece como desejo espontâneo é na verdade a realização dos interesses dominantes economicamente. Esse processo continua presente em nossa sociedade, fato comprovado pelas taxas pagas pelas gravadoras para que suas músicas toquem nas rádios
- **Estilo:** o que parece liberdade de ação é na verdade a realização da hegemonia de um estilo, que consegue abarcar em sua lógica manifestações aparentemente inconciliáveis. A diversidade aparente esconde uma estrutura que garante semelhança mesmo naquilo que parece contestá-la. O estilo da indústria cultural funciona como uma camisa de força super-elástica, que expande sua capacidade repressiva indefinidamente. **Os músicos de sucesso hoje em dia não diferem muito** uns dos outros, os jogos de luzes, os shows de dança e a falta de criatividade nos temas das letras fazem com que um espetáculo de sertanejo pareçam com um de axé.
- **Conciliação forçada do particular ao universal:** a tensão inerente ao homem, entre seus desejos e a demanda social é superada artificialmente pela indústria cultural, que propõe-se como conciliação entre as esferas. A proposição ideológica de alcance da plenitude social funciona como barreira para a busca pela real autonomia. A situação atual é contraditória, no entanto o sistema propõe-se como a forma ideal de organização, o que significa que ela teria eliminado a barreira entre os interesses particulares e universais.
- **Pseudoindivíduo:** o homem cuja consciência foi absorvida pela lógica da indústria cultural é aquele que crê agir segundo sua consciência quando não passa de um títere do sistema. A crença na própria liberdade faz com que o pseudoindivíduo defenda seus grilhões como se esses fossem a expressão de sua autonomia. A indústria cultural tem como aliado em seu processo de alienação a consciência de suas vítimas, uma vez que nessas a realização da lógica imposta é entendida como afirmação da individualidade. Essa continua sendo esmagada pelo peso da sociedade, porém, é proposto a todo o momento que o homem é totalmente responsável pelo seu destino.

- **Arte X Indústria Cultural:** a tensão entre o particular e o universal, inerente à produção cultural é vista de forma diferenciada na arte e em sua caricatura industrial. Na primeira, o desejo pela conciliação verdadeira, negada pela realidade, é proposta como elemento positivo e sublimado. Na segunda temos a referência aos múltiplos aspectos dessa tensão, que são reprimidos como lembrete de que a adaptação é a única possibilidade. Uma promessa constante de conciliação, que traz consigo a permanente reflexão é substituída por uma idéia de conciliação realizada, que elimina a discussão. A arte, hoje em dia, não refere-se a tensão entre o particular e o universal e sim busca reafirmar a idéia de que essas barreiras não mais existem.

Percebemos, a partir desses pontos destacados que a Indústria Cultural é um conceito que permanece útil para a compreensão de nosso tempo. A imposição vertical do gosto, a falsa ausência de estilo, a falsa conciliação entre o particular e o universal, que leva a pseudoindividualização bem como a promoção de uma arte que esconde a tensão, são elementos contemporaneamente.

2. A relação entre semiformação e educação pela dureza

2.1 A educação pela dureza é o método na semiformação

A semiformação, como apresentada acima é a forma da educação capturada pela Indústria Cultural. É uma apropriação pelo capitalismo tardio do processo formativo que o toma apenas pelos seus aspectos utilitaristas em relação ao desenvolvimento de capacidades produtivas e que traz em si a imposição da passividade como elemento necessário.

Parte de uma abordagem da experiência humana apenas pelo que pode ser tratado matematicamente e não apresenta nenhum tipo de reflexão acerca dos efeitos psicológicos que uma educação realizada dessa forma possa provocar. Sendo assim, a educação pela dureza torna-se um recurso eficaz para a promoção dessa modalidade educacional.

Adorno, em seu texto Educação após Auschwitz define a educação pela dureza ao mesmo tempo que adverte para suas conseqüências indesejáveis:

“Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina. Ela seria necessária para construir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa idéia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada. A idéia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar dor de há muito se converteu em

fachada de um masoquismo que – como mostrou a psicologia – se identifica com muita facilidade ao sadismo. O elogiado objetivo de “ser duro” de uma tal educação significa indiferença contra a dor geral.”⁸⁶

Esse tipo de relação com a dor, que eleva-a a categoria de instrumento pedagógico privilegiado é observado comumente em nossa sociedade. Dois exemplos clássicos são os trotes universitários e as torcidas organizadas de futebol, casos em que a aceitação da dor em si serve como elemento que legitima a imposição da dor à outros: *“Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir.”⁸⁷*

É preciso ressaltar que a dor física não é a única forma de manifestação da educação pela dureza. O que observa-se hoje em dia, quando os castigos físicos não são mais aceitos nas escolas ocidentais, é sua substituição pela humilhação, num processo também violento.

A humilhação dos alunos, assim como a violência física anteriormente, é um elemento que desestimula a solidariedade entre os indivíduos e acaba por tornar todos membros acéfalos de um coletivo. A importância recai sobre os resultados do grupo e não sobre o sofrimento psíquico das pessoas.

A autoridade, que ganha nova conotação no nazismo, e o comprometimento acrítico com o coletivo são outros elemento presente na educação pela dureza:

“Tudo isso se relaciona de um modo ou outro à velha estrutura vinculada à autoridade, a modos de agir – eu quase diria – do velho e bom caráter autoritário. Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo novo. Por um lado eles representam a identificação cega com o coletivo. Por outro são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os Himmler, Höss, Eichmann. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização.”⁸⁸

A autoridade, portanto, é um elemento essencial na educação pela dureza, dela emana a verdade que deve ser aceita acriticamente pelo aluno e também a decisão acerca das penalidades que devem ser impostas como duro remédio para a incapacidade do indivíduo em aceitar essa verdade.

É importante ressaltar contudo, que nem toda autoridade leva necessariamente ao autoritarismo. A relação hierárquica é um elemento importante no processo educativo. Uma linha tênue separa a relação legítima de poder que permite ao professor exercer sua função e a imposição opressiva.

⁸⁶ Educação após Auschwitz, página 128

⁸⁷ Idem, ibidem.

⁸⁸ Educação após Auschwitz, página 127

A identificação cega com o coletivo também é importante, uma vez que aquele que se entrega totalmente ao grupo delega a esse a responsabilidade pelo seu pensamento e por seus valores morais. Ele torna-se capaz de cometer as maiores barbaridades com o argumento de que está apenas seguindo ordens.

A educação pela dureza, portanto, apresenta-se como uma metodologia formativa que despreza os efeitos colaterais e busca fazer com que o indivíduo adquira habilidades técnicas e, conseqüentemente, não tente interferir nas regras sociais, que seriam imutáveis. A semiformação tem objetivos coerentes com a aplicação dessa metodologia. Seu objetivo é justamente a preparação para o mundo do trabalho em detrimento do desenvolvimento de outras esferas da existência humana.

Esse tipo de educação, e seus métodos pedagógicos, carregam em si uma grave conseqüência para a vida humana. Pessoas tecnicamente formadas, mas sem noção de responsabilidade em relação ao todo social além da sua produção, estão aptos a justificar qualquer tipo de violência, desde que respaldada pela autoridade.

Abre-se o caminho para a repetição do paradoxo nazista, a saber, a instalação de um governo ditatorial, da violência genocida contra as minorias em um ambiente de sofisticação intelectual. Paradoxo esse que se apresenta em nossa sociedade, uma vez que a elevação do nível educacional não se reflete em aumento da solidariedade entre os homens.

A educação pela dureza, portanto, é uma metodologia plenamente coerente com o espírito da semiformação. Por um lado, apresenta a característica de buscar apenas os resultados palpáveis, sem nenhuma relação com possíveis efeitos psicológicos, por outro impele à passividade, elemento necessário para que os indivíduos não questionem a estrutura social repleta de contradições.

2.2 Questões acerca da vida profissional

A semiformação tem como objetivo pedagógico apenas a vida profissional, que é a maneira que se tem de mesurar o sucesso escolar. Os valores disseminados em prol da importância do trabalho são ideologicamente construídas pelo capitalismo, que impele que os indivíduos a terem como máximo ideal a produtividade. Abaixo propõe-se uma análise de algumas desses apelos ideológicos:

O trabalho enobrece o homem

A máxima acima é um bom ponto de partida para a discussão acerca da divinização do trabalho, como instrumento ideológico legitimador de nossa sociedade, uma vez que expressa uma mentira (ou no máximo um ponto de vista) em forma de verdade incontestável, dando sustento a um sistema igualmente falso.

O que se pretende ao propor essa frase é alçar o trabalho ao posto de princípio legitimador do homem, esse apenas conseguiria a sua dignidade através da labuta. Mais do que isso propõe que o rebelde vai encontrar sua vocação (de seguidor das normas) quando entrar ativamente no mercado, concedendo um status redentor ao trabalho.

O que se verifica é diferente. O trabalho mais escraviza do que liberta, para alguns ele se apresenta de forma agradável, fomenta a criatividade, mas a maioria cai no mercado para apertar parafusos, passando a maior parte da vida de vigília numa atividade alienada e alienante. No vasto universo em que vivemos o que se observa é uma predominância da visão de que não há nada mais real do que a linha de montagem.

Mesmo fora do local onde vende seu tempo livre o homem continua a reproduzir a sua situação de trabalhador, como demonstra *Christophe Dejours* : “*O tempo fora do trabalho não seria nem livre e nem virgem, e os estereótipos comportamentais não seriam testemunhas apenas de alguns resíduos anedóticos. Ao contrário, tempo de trabalho e tempo fora do trabalho formariam um continuum dificilmente dissociável.*” Ou seja o homem é dominado pelo trabalho e não libertado por ele.

Esse fato talvez explique a função “terapêutica” do trabalho. Aqueles que se opõem ao sistema, pelas mais diversas razões, são obrigados, uma vez que conseguiram entrar no mercado, a renunciarem à suas idéias subversivas, pois não se admitem “encrenqueiros” entre os que recebem as benesses da sociedade.

Mesmo entre os agraciados com um lugar no topo da pirâmide, é percebido o prejuízo, as pessoas, para manter o seu lócus privilegiado, trocam sua vida pela lealdade à empresa em que trabalham, transformando-se nos *workholics*, maníacos que desistem das possibilidades infinitas, pela satisfação através do sucesso da corporação.

Dessa maneira faz-se claro que o trabalho não enobrece o homem, ao contrário, em todos os seus níveis contribui para transformar a humanidade em um rebanho. A ideologia, expressa pela frase, serve para manter complacentes os membros da “boiada humana”.

O progresso vem através do trabalho

Mesmo assumindo o trabalho como algo que não leva necessariamente o homem à liberdade, existe um forte argumento legitimador do trabalho: Tudo que o homem conseguiu, foi através do trabalho. Desde a revolução agrícola até a conquista espacial, tudo é fruto do trabalho humano.

Esse fato é incontestável, mas cabe uma reflexão acerca do que representa o tão divinizado progresso. É fato que o homem atingiu um nível tecnológico admirável, mas quais são os seus resultados:

- O avanço científico humano, da maneira em que estamos estruturados, leva a uma situação ambiental insustentável. É fato que o homem manda no planeta, igualmente, é fato que este é péssimo gerente.
- Apesar dessa evidência, e da consciência do fato, as forças poderosas do capitalismo levam a uma intensificação da destruição, com o argumento de que o que importa é o humano.
- Porém, nem isso se sustenta. O homem, graças ao avanço da medicina, vive mais, mas vive melhor? A resposta é não, os bolsões de miséria aumentam, doenças que poderiam ser erradicadas ainda matam milhões graças a interesses políticos; a maioria da população é tratada, pelo poder do capital, como peça de reposição.
- A maior expectativa de vida, não acompanhado de um plano consistente de redução de natalidade, apresenta uma característica nefasta. A população humana cresce de forma alucinada, acelerando o processo de aniquilação do meio ambiente.
- Aparentemente desavisado, o sistema tem interesses no aumento populacional, pois com ele fica mais fácil a imposição de sua verdade, da mesma maneira que cresce o número de desempregados, cresce a tendência conformista dos que tentam se incorporar ou se manter no sistema.
- A diminuição das taxas de natalidade nos países desenvolvidos apenas mascara a catástrofe mundial. A população para de crescer em ilhas de riqueza, que se sustentam graças ao uso do resto da humanidade como peças de reposição. Mas nem mesmo essa civilidade, ancorada na barbárie alheia, sobrevive e já se fala em incentivos à natalidade nos países que conseguiram se livrar do flagelo do crescimento populacional.
- É importante ressaltar que a tecnologia permitiria-nos desfrutar de uma vida confortável sem a necessidade de tantas horas diárias de trabalho. Porém, o capitalismo resolve seus próprios problemas e não os problemas humanos. Cada inovação, que deveria resultar em uma diminuição da carga horária reflete-se em demissões e maior exploração sobre os que ficam, uma vez que eles são cada vez mais desnecessários.

Dessa maneira se constata de que o trabalho produziu muita coisa, porém, representou maior progresso para o sistema, que continua a crescer graças ao alimento que o homem, alegremente, se propõe a ser. Para a humanidade, e seu necessário colega o meio ambiente, a situação tem se deteriorado. A ideologia do progresso é apenas confortável argumento para aqueles que se beneficiam no seio do monstro.

Quem não trabalha não deve comer

Outro argumento bastante consistente, na aparência, se apresenta: “O homem precisa comer e dormir para viver, o trigo e a cama são frutos de trabalho, então o trabalho é necessário.” Porém o que predomina é o esforço pela manutenção das estruturas capitalistas e não a busca do saneamento das necessidades humanas. A mecanização tornou desnecessários vários postos de trabalho, ao mesmo tempo que aumentava possibilidade de produção. Essa nova situação realizou um aumento na massa miserável ao invés de numa melhora nas condições da humanidade.

Para se atingir um nível de sobrevivência precisamos modificar a natureza para adapta-la às nossas necessidades. Nossa casa, nossas avenidas, o macarrão da “mama” nos domingos, seriam impossíveis sem o trabalho. Devemos todos reverenciar o pai de todo o nosso bem-viver.

Não obstante o que é percebido é uma aplicação das pessoas em atividades que não alimentam nem o corpo nem o espírito. Enquanto bilhões passam fome os operários se dedicam nas linhas de produção de produtos supérfluos. Senão vejamos, qual a utilidade para a maioria despossuída da produção de dezenas de tipos de carros, de centenas de marcas de cigarro, de trocentas qualidades de shampoos, que poderão embelezar apenas as cabeças da minúscula proporção de seres humanos que podem compra-los. A diversidade de produtos propicia uma sensação de legitimidade ao sistema, através da satisfação dos mais específicos desejos, da minoritária parcela da população detentora do dinheiro e da possibilidade de ascensão de qualquer um ao mundo maravilhoso do poder.

A farsa da mobilidade social no sistema é um dos poderosos argumentos pró-capitalismo. É fato que existe possibilidade de mudança, mas essa é pontual, pode resolver o problema de um, mas joga outros na miséria; e assim sendo não soluciona o problema de ninguém, pois se o pobre vive faminto o rico vive acuado. Não obstante a ascensão de um haverá sempre uma massa crescente de despossuídos a lhe incomodar, na sua existência burguesa.

A robótica permitiu um aumento de produção que talvez significasse o fim da obrigação do homem em se dedicar ao desonroso trabalho. O que se verifica é o contrário, ao invés da humanidade perceber a não necessidade do trabalho (pelo menos nos termos penosos de hoje), o que ocorre é a

marginalização dos que perderam seus postos e a concentração da renda naqueles que dominam as forças de reprodução do capital.

A humanidade já não necessita do trabalho ,da forma em que ele é hoje organizado, muitas horas por dia, mas não abdica dele pela necessidade que o capitalismo tem em manter todos sob sua tutela. O homem não precisa mais do trabalho para sobreviver, mas continua seu escravo por contingências do sistema. Para que isso se perpetue se inventam necessidades abstratas que mantêm bilhões e funções legitimadas pela necessidade de se continuar trabalhando.

O que deve ser buscado é uma nova forma para o trabalho, que objetive o saneamento das necessidades básicas humanas, a diminuição do tempo dedicado a atividades obrigatórias e do impacto ambiental. Para isso é necessário um redirecionamento dos esforços humanos, que lamentavelmente parece muito distante.

2.3 A semiformação e o consciente coisificado

Na universidade que vem sendo construída nos últimos anos no Brasil, o que impera é o produtivismo, coerente com a idéia de semiformação. A formação visando o trabalho tem como principal elemento legitimador um sistema de valorização centralizado que tem como principal expoente o currículo Lattes.

O elogio vazio ao trabalho aparece como um elemento nessa realidade de educação submetida aos ditames do capital. Essa submissão, que tem como um de seus elementos a hipervalorização da tecnologia, está na raiz da formação do que adorno denominou de consciente coisificado.

Adorno, sentindo-se impelido a definir a personalidade autoritária atrelou-a à essa idéia de consciência coisificada:

“Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador – o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão – eu o denominaria de o tipo da consciência coisificada. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas.”⁸⁹

Quer dizer, a consciência coisificada é aquela presente na pessoa que, por admitir-se como coisa, acaba por tratar as outras pessoas também dessa maneira. A educação para a adaptação é um elemento importante no processo de coisificação do ser humano. Ao admitir-se que a ordem estabelecida é perfeita fecha-se o caminho para a crítica e isso leva o indivíduo à uma situação de

⁸⁹ Educação após Auschwitz, página 130

passividade. Essa passividade serve ao sistema pois faz os homens aceitarem a humanização das máquinas e o tratamento frio com relação aos semelhantes.

A falsa conciliação entre o particular e o universal é outro ponto promovido pela semiformação que favorece à construção de conscientes coisificados. Essa idéia traz em si a resolução dos problemas causados pela sociedade sobre os indivíduos e por isso impele à negação da crítica social.

A sofisticação intelectual, sob a égide da semiformação, torna-se fetiche. Pouco importa o que a pessoa realmente sabe, mas apenas o que ela é capaz de demonstrar. Sendo assim, o processo educacional visa a possibilitar mostras de erudição. Essa postura utilitarista em relação ao conhecimento leva a um clima de valorização estatística dos indivíduos, ou seja do seu tratamento como números apresentados.

A virilidade é outro aspecto privilegiado na educação pela dureza. A capacidade de suportar a dor aparece como um indicativo de virtude. Os alunos, em um ambiente de pedagogia pela dureza, devem entender os castigos, muitas vezes insanos, que recebem como algo que irá lhes tornar melhores.

A semiformação ao buscar apenas o que pode ser medido e impelindo o indivíduo à passividade social é um forte elemento na construção de consciências coisificadas. Ao propor desprezo pelo pensamento crítico e ao reduzir a verdade à seus aspectos técnicos, a semiformação leva ao desenvolvimento de indivíduos aptos à deslocarem sua afeição às coisas.

2.3.1 Der Struwwelpeter: um exemplo da educação pela dureza

Exemplos não faltam para ilustrar a educação pela dureza. Desde os tempos antigos o sadismo pedagógico foi um modo de manter as mentes atentas e passivas. Porém, mais recentemente o castigo perdeu o seu caráter explícito, físico e passou a ser praticado de forma aparentemente mais branda, através da humilhação e ameaças.

A obra *Der Struwwelpeter*, de Heinrich Hoffman, deve ser lembrada em um debate acerca do papel que a disciplina desempenha na educação. Publicado em 1841, pode não ser considerado um clássico de alcance mundial, suscita polêmica em seu país de origem e é conhecido por especialistas de todo o planeta.

O livro é composto por 8 histórias ilustradas, destinadas ao público infantil, com intenção francamente moralizantes. O tom é bastante violento, como quando o pequeno Kaspar recusa-se à comer sua sopa e definha até morrer de fome, ou quando a pequena Paulinchen não acata a recomendação de não chupar os dedos e recebe a visita de um gigante que corta-lhe fora os polegares.

É importante ressaltar que as recomendações acerca do comportamento infantil apresentam momentos de profunda pertinência, como, por exemplo, quando exortam as crianças a não brincarem com fósforos. Porém, elas são sempre calcadas na imposição do medo, tendo como final sempre um terrível castigo. Não existe a redenção para os pecados cometidos, apenas a punição exemplar.

Essa característica repressora presente na obra permite o seu enquadramento como representante do modelo de educação pela dureza, tratado por Adorno em seu texto Educação após Auschwitz. Selecionamos aqui algumas histórias para ilustrar essa tendência do livro:

Der Struwwelpeter

Sinopse: nesse poema, que aparece na capa, aparece o personagem que dá título à obra. Sua falta de asseio é condenada.

Comentário: O autor utiliza do recurso da ridicularização daquele que não se adapta como forma de induzir as crianças a aderirem ao espírito coletivo, sob a ameaça de que se não se portarem como o esperado também serão humilhados.

Die gar traurige Geschichte MIT dem Feuerzeug (A lamenável história de Paulinha e seus fósforos)

Sinopse: Paulinha é uma menina que, ao ser deixada sozinha em casa, resolve brincar com fósforos. Ao ignorar os apelos de seus gatos para que não continuasse a brincadeira ela acaba morrendo queimada.

Comentário: Na história Hoffman tenta inculcar nas crianças um conselho útil através de uma terrível ameaça. A mensagem é clara: quem não obedecer as ordens estabelecidas irá sofrer castigos horríveis.

Die Geschichte vom Suppen Kaspar (A história de Gaspar sem sopa)

Sinopse: Gaspar era um garoto saudável que, no entanto, um dia resolve deixar de comer a sopa que lhe era servido todos os dias. Essa recusa, repetida dia após dia, acaba por levá-lo a morte por inanição. A história termina com uma ironia macabra: a lápide do túmulo do garoto é uma sopeira.

Comentário: Nessa história o castigo infame para os dissidentes aparece novamente. Porém, há de ressaltar-se a saúde exemplar do garoto antes de sua recusa a tomar a sopa, isso sugere que as pessoas que aderirem às demandas do sistema não apenas escapam do castigo como também viverão de forma privilegiada.

Der Struwwelpeter é um exemplo do uso da educação pela dureza na educação infantil. Seus contos ilustrados tem franca intenção moralizadora, objetivando acima de tudo a promoção de hábitos adequados nas crianças, seja em relação à sociedade ou como forma de autopreservação.

Para induzir nas crianças esses costumes desejáveis Hoffman vale-se sempre da ameaça de violência física. É interessante notar que existe a falha, a punição mas nunca a redenção da criança indisciplinada que tem de viver com as conseqüências de seus erros. Trata-se de uma ameaça a todos que resolverem viver em desacordo com as regras estabelecidas.

Podemos perceber pela análise apresentadas acima que o livro Der Struwwelpeter, a parte suas excelentes intenções, pode ser incluído no que Adorno chamou de educação pela dureza. Sua forma dura de ensinar “bons modos” convida os leitores à adesão acrítica ao sistema, o que irá pode refletir-se na construção de conscientes coisificados.

2.4 A tecnologia e o processo de dessensibilização

2.4.1. Sobre a tecnologia

Antes de falar sobre as conseqüências nefastas do avanço tecnológico em nossa estrutura social faz-se necessário ressaltar que não é o avanço técnico alvo de nossas críticas e sim o seu uso direcionado aos interesses do capital:

1. Não pretende-se criticar a tecnologia, ela é a própria essência do ser humano. Me opor pura e simplesmente à tecnologia seria me opor pura e simplesmente ao homem. Não é meu caso, todos os meus interesses intelectuais são orientados para o ser humano, sem ele não há objeto de estudo.
2. Porém, a atual organização social é trágica e imoral, disso redundam um uso da tecnologia irresponsável, insustentável social e ambientalmente. Em nosso contexto a tecnologia é um elemento de amplificação dos males causados pelo homem a si mesmo e ao planeta.
3. Somos típicos seres humanos nascido no século XX. Dependemos da tecnologia, não sobreviveríamos sem ela. Não acredito que nós sejamos maus, porém somos filhos de um mundo imbecil e preparados apenas para a existência em meio à imbecilidade.
4. A tecnologia, por outro lado, também é algo interessante e prazeroso. Em nossa existência limitada, mesmo que num contexto danificado, desejemos experiências e fruir dos momentos de felicidade que nos dizem respeito e usaremos da tecnologia para isso.

5. Não é justo que nós, que vivemos sob o peso dos males provocados pelo uso irresponsável da tecnologia (invasão de privacidade, poluição, iminência de catástrofe ecológica, etc...), nos privemos das possibilidades oferecidas pelas descobertas humanas.
6. Da maneira como o homem vive hoje, na base da competitividade, o horizonte é sombrio. É sério propor que se isso for o melhor que nós podemos fazer é melhor que sejamos extintos. Nosso espantoso avanço tecnológico amplifica o caráter contraditório de nossas relações sociais.
7. Aparece a dúvida: podemos organizar a sociedade de outra maneira, ou estamos condenados a existir como um bando de trogloditas tecnológicos).
8. A mídia, a partir da queda dos regimes socialistas, dissemina a idéia de que nossa organização social, embasada na competição, é definitiva. Apesar de acreditar nisso como possibilidade, não descarto que talvez exista uma saída. Havendo qualquer possibilidade de transformação, então, creio que a única atitude eticamente aceitável para mim é a luta por sua realização.
9. Não temos idéia clara do que será a nova sociedade, mesmo por que a capacidade de prognóstico das ciências humanas é bastante fraca. Porém, creio que é um caminho a observação de aspectos das organizações pré-capitalistas, também é preciso atentar para a experiência singular de Cuba, mesmo com todos seus grandes problemas.
10. A leitura de textos é importante não como receituário e sim como aproximação com outras reflexões acerca da grande questão que é a sociedade. O estudo é um elemento para o reconhecimento da sociedade que se pretende transformar.

2.4.2 A tecnologia como elemento de dessensibilização

São muitos os exemplos na mídia de incentivos à uma postura de afetividade em relação às máquinas, o que leva necessariamente ao desprezo em relação aos humanos. É tratada de forma jocosa esse processo como se a dessensibilização exigida pelo novo formato do capitalismo fosse uma espécie de piada.

Lembro-me, contudo, de uma propaganda do posto Ipiranga, que passou nas redes de televisão brasileiras a alguns anos. Nessa peça o protagonista cobre carinhosamente seu automóvel antes de se recolher, beija displicentemente os filhos e ao chegar no quarto deita na cama e rouba o cobertor da esposa, a câmera fecha então na mulher (com cara de rejeitada) e o locutor enuncia o triste slogan: “Brasileiro é apaixonado por carro”.

Esse processo de transferência de afetividade das pessoas para as máquinas é algo coerente com o atual estágio do capitalismo, uma vez que esse demanda uma postura de afinação natural do indivíduo com a técnica:

“Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isso tem sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes conseqüências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patogênico. Isto vincula-se ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas”⁹⁰

A tecnologia, portanto, que deveria facilitar a vida humana, na verdade encobre a nossa visão e impede as relações afetivas verdadeiras. Num mundo dominado pela noção de pragmatismo técnico, o resultado é que as pessoas não vêem senão resultados palpáveis e esses se orientam por uma única bússola moral que é a produtividade.

O produtivismo, enquanto noção ideológica que determina a legitimação de tudo através dos números, é absolutamente essencial para a continuidade do capitalismo. Através dele elimina-se a discussão acerca do sistema, uma vez que serviria apenas como um desvio de curso com resultado estéril.

Porém, existe uma conseqüência, que procura-se esconder sob o véu da naturalização, extremamente preocupante nesse processo que é a dessensibilização dos indivíduos. Uma vez que a afeição deslocou-se para as máquinas, os outros homens perdem o seu valor: *“A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplica-las os meios.”⁹¹*

A partir disso abre-se caminho para as pessoas tratarem as pessoas como coisas. Apenas isso explica a enorme crueldade observada em uma sociedade ao mesmo tempo evoluída tecnicamente e indiferente com relação aos homens:

“Um sujeito experimental – e a própria expressão já é do repertório da consciência coisificada – afirmava de si mesmo: “I like nice equipamento” (Eu gosto de equipamentos, de instrumentos bonitos), independente dos equipamentos em questão. Seu amor era absorvido por coisas, máquinas enquanto tais. O perturbador – porque torna tão desesperançoso atuar contrariamente a isso – é que esta tendência de desenvolvimento encontra-se vinculada ao conjunto da civilização. Combate-lo significa o mesmo que ser contra o espírito do mundo; e desta maneira apenas repito algo que apresentei no começo como sendo o aspecto mais obscuro de uma educação contra Auschwitz.”⁹²

⁹⁰ Educação após Auschwitz, páginas 132-133

⁹¹ Educação após Auschwitz, página 133

⁹² Idem, ibidem

Essa situação, de dessensibilização crescente em um ambiente de grandioso progresso técnico enseja uma discussão pertinente acerca dos reais benefícios do desenvolvimento científico para os seres humanos. Há de refletir-se acerca da manutenção de uma vida de escravidão em relação ao sistema ensejada pela técnica, que seria justamente a maneira que o homem de libertar-se do sofrimento da vida cotidiana.

Vivemos em uma situação paradoxal na qual cada inovação promovida pelos nossos bem formados engenheiros, leva a uma redução do trabalho humano necessário para uma determinada função, mas essa redução não redunde em benefícios ao homem e sim ao próprio sistema.

Cada vez que um técnico desenvolve um maquinário capaz de diminuir o esforço para a realização de determinada tarefa seria legítimo esperar que isso redundasse num benefício para os empregados que desempenham tal tarefa. O que ocorre, no entanto, não é um benefício para o trabalhador e sim no contrário disso. A conseqüência da diminuição da carga de esforço necessário é a demissão de funcionários, com uma mensagem implícita para os que conseguem manter o emprego: “cada dia você é mais desnecessário.”

Esse grande e óbvio problema é contornado ideologicamente pelo sistema através de uma série de proposições baseadas na justiça do sistema capitalista. Dissemina-se a idéia de que vivemos em um sistema que traz em si a igualdade de oportunidades e que se a pessoa se dispuser ao trabalho duro ele será recompensado.

O que esconde-se por trás dessa proposição é o quanto nosso ambiente democrático é um jogo de cartas marcadas, o sucesso profissional está intimamente ligado aos recursos materiais e à vida intelectual presente em sua família. Também oculta-se que não existe espaço para todos serem vitoriosos, o sistema funciona apenas com uma maioria derrotada fazendo o trabalho duro.

Outro recurso comum é a imputação de culpa ao indivíduo. A máquina propagandística do sistema forja argumentos que responsabilizam as pessoas por seus fracassos. Se a pessoa trabalha muito argumenta-se que ela não trabalhou direito, que lhe faltou talento, se o indivíduo trabalha apenas o suficiente argumenta-se que poderia ter feito mais. O sistema lança mão de exemplos de ascensão social que seriam provas irrefutáveis do seu espírito justo.

Porém, pode-se novamente argumentar que essa justificativa é falsa. O indivíduo não está livre para realizar suas potencialidades em um mundo em que a prioridade é o desenvolvimento econômico, o sistema dita as regras e a melhor acomodação à essas normas é o determinante para o sucesso individual e não o esforço ou inteligência. Não se diz aqui que o homem não tem nenhuma responsabilidade nesse processo, mas que seu esforço deve ser entendido em um contexto em que as ações são direcionadas ao sucesso do capital e não das pessoas.

A tecnologia é parte integrante da humanidade à milênios. A habilidade para transformar recursos naturais em ferramentas e o domínio de técnicas, como o fogo e a agricultura, estão

presentes desde o início e até hoje através da sofisticação desses processos conseguimos notáveis melhorias nas condições de vida humana.

Em nossa sociedade, no entanto, a técnica adquire um poder inimaginável à poucos séculos atrás. A dependência em que nos encontramos de nossas próprias invenções tomou tais proporções que não imagináramos o abandono, mesmo que parcial, delas sem uma grande catástrofe humana.

Isso não quer dizer, obviamente, que a tecnologia é algo maléfico que acabará por nos tornar refém de seu poder, como em alguns livros de ficção científica. A tecnologia não é ruim em si mesma, porém, também não é boa em si mesma. Seu valor para os homens repousa no uso que se faz dela.

Na forma em que encontra-se hoje, a tecnologia serve ao capital e não aos homens. Ela é um elemento dessensibilizador uma vez que percebemos uma tendência, incentivada pelo sistema, de transferência da afetividade dos homens para as coisas o que, como vimos acima, é um elemento que incentiva as tendências fascistas.

Adorno propõe a revitalização da capacidade de amar como um possível caminho para reverter nossa situação de dessensibilização. Não trata-se, contudo, de uma promoção piegas do amor, algo que ele nem mesmo está em posição de fazer uma vez que também encontra-se, como todos, em uma situação em que esse é impossível.

O que o autor propõe é uma ofensiva contra a frieza gerada pelo atual estágio do capitalismo, para isso seria necessário verificar-se como chegamos nesse estágio e como prevenir-se:

“Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos.”⁹³

Segundo o autor, a possibilidade de uma sociedade diferente, pelo menos no tocante à educação, está nas crianças: *“Agrada pensar que a chance é tanto maior quanto menos se erra na infância, quanto melhor são tratadas as crianças.”⁹⁴* Porém deve-se ter cuidado: *“Mas mesmo aqui pode haver ilusões. Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie, depois que deixam de ser protegidas”⁹⁵*

É preciso considerar também se aquela a quem se pede que fonte do amor esteja em condições para exercer essa tarefa:

⁹³ Educação após Auschwitz, página 135

⁹⁴ Idem, ibidem

⁹⁵ Idem, ibidem

“Mas sobretudo, não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos dessa sociedade, cujas marcas ostentam. O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e por isso acaba negando o próprio calor. Além disto o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediárias, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente. Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas. O incentivo ao amor – provavelmente na forma mais imperativa, de um dever – constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza.”⁹⁶

O real aproveitamento da tecnologia por parte do homem depende de uma inversão da idéia de que o homem deve servir à ela. A educação não pode basear-se apenas no desenvolvimento da tecnologia mas focar-se na reflexão acerca dos resultados para a humanidade.

2.4.3 Engenharia: uma proposta prática

A título de ilustração proponho abaixo uma proposta de visão alternativa da educação universitária, visando os cursos tecnológicos. Tornar o trabalho dos engenheiros algo dotado de uma consciência social ampla, o que forçaria a recusa a participação em iniciativas de natureza fascista, seria de grande valor para diminuir a barbárie altamente tecnologizada.

Os cursos tecnológicos são um foco importante para repensar a educação em nosso sistema político-econômico atual. Sendo assim, apresento uma argumentação em prol do ensino de humanas nesses cursos:

Os estudantes de engenharia são submetidos a uma carga horária estressante, sendo assim, disciplinas que não estão ligadas diretamente a sua área, como a sociologia, são consideradas “perfumaria” e despertam pouco interesse. Essa postura, que não se origina no aluno, está equivocada uma vez que contribuí para a calamitosa situação social e ambiental do planeta, leva a uma formação incompleta do aluno e está embasada numa injustificável supervalorização da técnica em si, em detrimento da aplicação da mesma. Faz-se necessário que os engenheiros sejam capazes de pensar criticamente a sociedade a fim de que o uso da tecnologia permita a real melhoria da condição humana.

O dia-a-dia do estudante de engenharia é pesado. As horas semanais de aula muitas vezes passam de trinta, o que dificulta a dedicação ao que não seja estritamente ligado a sua área de trabalho. Dessa forma as disciplinas que não lidam diretamente com as áreas de atuação profissional específicas, são consideradas meras formalidades. Aparece então a justa demanda dos estudantes por cursos leves, que não atrapalhem a verdadeira formação. Essa postura é incentivada pela estrutura do curso que não considera importante a formação do homem, além do tecnólogo.

⁹⁶ Educação após Auschwitz, página 135

No entanto há de se notar que nossa estrutura social é marcada pela injustiça. As estatísticas acerca do número de seres humanos que vivem abaixo da linha da miséria são assustadoras. A tecnologia não consegue, sozinha, levar o mundo a uma “era de ouro”. A situação mortifica tanto os pobres, quanto os ricos, que são alvo do ressentimento, muitas vezes justo, dos esfarrapados.

A situação ambiental do planeta também é mais que preocupante. Os níveis de produção de lixo e consumo de petróleo per capita aumentam com as novas demandas e possibilidades tecnológicas, boa parte da água doce do planeta está mortalmente poluída e a cada ano desaparecem espécies animais e vegetais por ação humana. Isso para citar apenas algumas conseqüências visíveis da nossa total incompetência para lidar com a tecnologia, da maneira que estamos organizados hoje.

A estrutura social não aparece do nada e sim é historicamente construída. A responsabilidade pelo futuro das relações sociais é de todos, inclusive dos engenheiros, não basta a produção tecnológica, se faz imprescindível sua aplicação consciente para a transformação da sociedade em algo mais razoável.

A idéia que a aquisição de conhecimentos ligados à área de atuação profissional seria suficiente é extremamente pobre, as possibilidades do pensamento humano são por demais vastas para que nos coloquemos como meros robôs, capazes apenas de realizar tarefas programadas. Essa disposição mesquinha não é monopólio dos estudantes de exatas, os de humanas, muitas vezes, evitam a todo o custo tudo que se parece com matemática, sem a consciência de que estão reduzindo a amplitude de sua formação.

Algo que está na raiz do problema do pouco interesse nas conseqüências sociais e ambientais, por parte dos engenheiros, é a compreensão da técnica como algo em si, desvinculada da aplicação que se faz dela. Essa concepção é equivocada, a tecnologia não é neutra, o seu valor só pode ser medido pela análise de sua aplicação, a formação de engenheiros com consciência real de seu papel é um fator de pressão para o justo aproveitamento dos avanços científicos pela sociedade.

As disciplinas ligadas à compreensão da sociedade, portanto, deveriam ter maior peso na formação dos engenheiros, mas como possibilidade de discussão, por diversos pontos de vista, da realidade social e nunca como forma de doutrinação. A consciência das pessoas deve ser livre mas não pode dispensar as reflexões profundas que a sociologia já produziu.

Não se pretende aqui, em absoluto, a negação da importância dos avanços científicos, que nos possibilitam realizar coisas verdadeiramente maravilhosas, mas sim lembrar que existe uma essencial diferença entre o desenvolvimento tecnológico e a melhoria real na qualidade de vida planetária. Também não se propõe uma generalização, existem muitos profissionais e alunos na área da tecnologia que são altamente críticos, ser engenheiro não significa, em absoluto, ser

alienado, apenas é notável que pouco incentivo há para o desenvolvimento da consciência social nos cursos da área.

Conclusão

A indústria cultural é o modelo do capitalismo em seu estágio atual. O sistema não precisa mais valer-se da força física para impor seus interesses à população. Mais eficiente se torna a sedução por meio dos meios de comunicação de massa.

A semiformação é o modelo educacional coerente com essa situação de permanência dos valores da Indústria Cultural, uma vez que propõe uma educação tecnicista, o que colabora para um ambiente de progresso científico e também impõe a aceitação da ordem como natural.

A educação pela dureza é um método que pode ser aplicado com sucesso nesse tipo de educação. Por um lado ela funciona como uma ameaça constante o que incentiva a aplicação do estudante, a fim de evitar a dor e a humilhação e por outro lado força todos a uma aceitação passiva da autoridade, uma vez que essa apresenta condições reais de impor o sofrimento.

Uma das justificativas para esse tipo de educação aparece na necessidade prioritária na formação para o mercado de trabalho. Isso é uma proposição meramente ideológica, o trabalho, com longas jornadas, não é mais uma necessidade em nossa sociedade mecanizada. A apologia ao trabalho serve para manter os indivíduos fiéis ao sistema, produzindo de forma passiva e aceitando as regras do jogo, regras que legitimam-se graças a falsa idéia de que no capitalismo todos têm a oportunidade de enriquecer.

É de se salientar que a educação pela dureza não é mais aplicada em grande escala, pelo menos no Brasil, pela dor física. O que é dominante hoje em dia é a violência psicológica, que aparece na forma da humilhação, com a imposição da idéia de que os indivíduos que não cumprem suas funções escolares seriam inferiores.

Um exemplo de aplicação da educação pela dureza de forma velada está na obra *Der Struwwelpeter*, de Heinrich Hoffman. Suas histórias de tom macabro são eficientes tecnicamente por se valerem da forte ameaça. Porém, há de se refletir quais as conseqüências da educação através da chantagem.

A tecnologia, que tem potencial para livrar o homem de sua situação de dependência da natureza acaba por tornar-se ela mesma um empecilho para a realização da nossa liberdade. Isso não se deve à uma característica da técnica em si mas à forma com ela é conduzida no capitalismo.

Na forma com que nos relacionamos com a tecnologia hoje em dia incentiva a dessensibilização, uma vez que favorece a transferência da nossa afetividade para as máquinas e acaba por fazer o indivíduo se relacionar com seus semelhantes como se esses fossem coisas,

Podemos afirmar, para concluir, que a educação pela dureza é algo que não será abandonada no capitalismo, que tem como espírito educativo a semiformação. Para o sistema é essencial a aceleração do avanço técnico, pois este trabalha sempre para o próprio crescimento, assim como é importante a imposição de um espírito de passividade, uma vez que o sistema é repleto de contradições.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. *Experiências científicas nos Estados Unidos*. In: *Palavras e Sinais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T.W. *Educação após Auschwitz*. In: *Educação e Emancipação*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T.W. *Indústria Cultural*. In: COHN, G. (Organizador). *Grandes cientistas sociais (Adorno)*, São Paulo, Editora Ática

ADORNO, T.W. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO T.W. *Teoria da Semiformação*. Campinas, Editora Autores Associados, 2010

ADORNO, T.W. & BECKER, H. *Televisão e formação*. In: *Educação e Emancipação*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T.W. *Tempo Livre* IN: *Palavras e Sinais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. IN: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ECO, Umberto. *Prefácio*. In: IDEM, *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 6ª Ed. 2001. Pps. 7-30

HABERMAS, J. *O entrelaçamento entre mito e esclarecimento: Horkheimer e Adorno*. IN: IDEM, *Discurso filosófico da modernidade*. Editora Martins Fontes, São Paulo 2002. Pps 153-186.

HOFFMAN, H. *Der Struwwelpeter*. (s.l), Pestalozzi, (s.d)

MAAR, W.L. *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*. IN: ADORNO, T.W. *Educação e Emancipação*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2000. Pps. 11-28

PUTERMAN, P. *Introdução*. In: IDEM, *Indústria Cultural: a agônia de um conceito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994. Pps. 9-40

SAVIANI, D. *Gramsci na educação brasileira*. In: RAGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa*. Campinas: Autores Associados, 2005. Pps. 1-25

ROUANET, S.P. *Teoria Crítica e psicanálise*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1998.

WIGGERHAUS, R. *A escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.